

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**A ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL DE CASTRO ALVES NA PRODUÇÃO
LITERÁRIA DOS DEMAIS POETAS DA 3ª GERAÇÃO DO ROMANTISMO**

Autor: Adão Xavier Rodovalho

Orientador: Ms. Rafael Eisinger Guimarães

JUÍNA/2010

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**A ANÁLISE DA CRÍTICA SOCIAL DE CASTRO ALVES NA PRODUÇÃO
LITERÁRIA DOS DEMAIS POETAS DA 3ª GERAÇÃO DO ROMANTISMO**

Autor: Adão Xavier Rodovalho

Orientador: Ms. Rafael Eisinger Guimarães

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.”

JUÍNA/2010

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Membro

Prof. Ms. Solange Raquel Weber
Membro

Prof. Ms. Rafael Eisinger Guimarães
ORIENTADOR

A meu pai, que foi o meu maior incentivador para a vida em sociedade (*in memoriam*).
Aos meus filhos Leandro, Wagner e Adriel, a minha fonte de inspiração para a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos em especial a Deus por me preservar a vida no convívio com os colegas da graduação durante estes três anos, tratando a todos com igualdade.

Agradeço à minha família pelo apoio e incentivo durante a realização deste trabalho, em especial a senhora Rosa Romualdo.

Minha especial gratidão ao Professor Mestre Rafael Eisinger Guimarães, pela orientação segura, atenciosa e a amizade que se construiu nesse pouco tempo de convivência.

Agradeço a todos os meus professores da Graduação, em especial aos professores Dr. Claudio Silveira Maia na temática, Prof^a. Ms. Solange Raquel Weber na inovação da teoria e prática e o Prof. Ms. Djalma Gonçalves Ramires na sistematização dos trabalhos, todos estes e os demais com eficiência me moldaram para a vida em sociedade.

Agradeço aos colegas da graduação em especial aqueles que me apoiaram no desenvolvimento dos meus trabalhos desenvolvidos.

Agradeço aos integrantes da Instituição AJES, que em parceria com a Prefeitura Municipal, me proporcionaram esta oportunidade de estudo com bolsa parcial de 50% por cento na graduação.

“Nenhum de nós tem a honra ter uma vida que seja só sua. Minha vida é sua, sua vida é a minha, você vive o que eu vivo; o destino é um só. Tomemos, portanto, este espelho e o olhamo-nos nele. Algumas vezes nos queixamos dos escritores que dizem ‘eu’. Fale-nos de você, lhe gritamos. Ai! Que eu falo de mim, eu falo de você. Como não sentem isso? Ah! Insensato quem crê que eu não sou você.”

(Victor Hugo, 1956)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar brevemente as características do Romantismo na Europa, as influências e a introdução do Romantismo no Brasil, mas busca uma visão mais aproximada nas obras de poetas que melhor representaram a terceira geração romântica. Buscando compreender as ações dos escritores no envolvimento com o indianismo, a poesia Byroniana ou Mal-do-século, a crítica social e a poesia condoreira, a abordagem do negro na poesia e a formação literária e artística do país em desenvolvimento no século XVIII e XIX. Demonstrar mediante pesquisa científica, envolvendo revisão bibliográfica e leitura interpretativa, e análise de poemas de Álvares de Azevedo, Sousândrade e do poeta baiano Castro Alves, buscando analisar, nas obras, as características que melhor fazem a representação da crítica social dos escritores, as linguagens que diferenciam de outros escritores românticos. Será também analisada a importância da crítica social, com base nos recursos poéticos, nas imagens e nos símbolos, desenvolvendo as comparações em um trabalho de intertextualidade que relaciona o estilo poético de Castro Alves com os demais poetas de sua época. O Romantismo trouxe uma forte influência para a inovação na construção da identidade literária no Brasil, e os poetas envolvidos em seu contexto histórico e literário souberam muito bem descrever todo cenário em transformação para os seus mais ilustres poemas, sobretudo transformando uma das mais desconfortáveis imagens (o negro) idealizada no início da literatura formalizando uma literatura consistente que são exemplos a serem exploradas nos dias atuais.

Palavras-chave: literatura brasileira; poesia brasileira; crítica social.

ABSTRACT

This work intends to analyze the characteristics of Romanticism shortly in Europe, the influences and the introduction of Romanticism in Brazil, but it looks for a more approximate vision in the poets' works that best represented the third romantic generation. Looking for to understand the writers' actions in the involvement with the indiani, the poetry Byroniana or Evil-pity-century, the social critic and the poetry condor, the black's approach in the poetry and the literary and artistic formation of the country in development in the century XVIII and XIX. To demonstrate by he/she researches scientific, involving bibliographical revision and interpretative reading and analysis of poems of Álvares of Azevedo, Sousândrade and of the poet from Bahia Castro Alves, looking for to analyze, in the works, the characteristics that best makes the representation of the writers' social critic, the languages that you/they differentiate of other romantic writers. It will also be analyzed the importance of the social critic, with base in the poetic resources, in the images and in the symbols, developing the comparisons in an intertextualidade work that relates Castro Alves' poetic style with the other poets of your time. Romanticism brought a strong influence for the innovation in the construction of the identity literature in Brazil, and the poets involved in your historical and literary context they knew how very well to describe every scenery in transformation for your more illustrious poems, above all transforming one of the most uncomfortable images (the black) idealized in I begin him/it of the literature formalizing a consistent literature that are examples they be explored her/it in the current days.

Word-key: Brazilian literature, Brazilian poetry, social critic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O ROMANTISMO.....	11
1.1 O ROMANTISMO NA EUROPA	11
1.2 O ROMANTISMO NO BRASIL SUA FASE INICIAL	15
1.3 O ROMANTISMO E SUAS GERAÇÕES NO BRASIL	18
1.3.1 Primeira geração	18
1.3.2 Segunda geração	20
1.3.3 Terceira geração.....	21
2 O NOVO PROJETO PARA A FORMAÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL.....	25
2.1 A CRITICA SOCIAL E OS RECURSOS POÉTICOS NA OBRA DE CASTRO ALVES	30
3 A TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA E A ANÁLISE DOS ESTILOS LITERÁRIOS NAS OBRAS DE CASTRO ALVES, TOBIAS BARRETO E SOUSÂNDRADE.	43
3.1 APROXIMAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE TOBIAS BARRETO E CASTRO ALVES	46
3.2 APROXIMAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE E ANTONIO DE CASTRO ALVES.....	51
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho científico busca fazer uma breve introdução do surgimento do Romantismo na Europa, no século XVIII, com dois grandes movimentos, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Posteriormente, o Romantismo chega ao Brasil, no início do século XIX, vigorando, mais precisamente de 1836 a 1881.

Dentre os acontecimentos mais importantes desse período destaca-se a chegada da Corte de D João VI (1808), no Rio de Janeiro, que culmina com o início de diversas transformações, ocorrendo até mesmo a independência do Brasil (1822). A introdução de uma literatura com uma visão voltada para o território brasileiro coube a Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Mas quem melhor representou o país como introdutor principal foi o indianista Gonçalves Dias (1823-1864), primeira geração romântica, que soube transplantar para sua poesia a cor local, a valorização do índio nativo em terras brasileiras, o mais autêntico representante da literatura indianista no Brasil. Enquanto Álvares de Azevedo (1831-1852), por sua vez, foi quem melhor representou a segunda geração romântica na poesia, marcada por forte subjetivismo (Ultra-Romântica, Byroniana ou Mal-do-século), a marginalidade, a depressão, o sonho e o devaneio.

Para desenvolver a abordagem principal desse trabalho, será analisado um dos mais representativos poetas da terceira geração do Romantismo, Antonio Frederico de Castro Alves. Uma das maiores figuras deste período, que surge em um contexto histórico e literário que contribuiu com o amadurecimento das ideias para definir uma identidade cultural para o país. Introduzindo um novo estilo na literatura brasileira, Castro Alves promoveu a construção de uma poesia que envolvia as causas da liberdade e da justiça, um estilo de poesia social e libertária com uma linguagem capaz de quebrar o silêncio sobre o negro e a escravidão, ditado pela colonização na história e na literatura do país. A sonoridade das palavras, novos tons, novos aspectos linguísticos, as expressões de cenas dramáticas deste novo estilo de poesia de Castro Alves traz o reconhecimento dos negros como heróis, dedicando-lhes lugar de destaque em suas obras, libertando-os por meio da poesia.

Compreende-se que a obra de Castro Alves é profundamente marcada pelos sentimentos de clemência e tragédias que rodam o espírito do negro infeliz, sofredor e incapaz de superar as adversidades do sistema de escravidão.

Sua poesia deu visibilidade ao “outro”, àquele que veio do outro lado do Atlântico pela força bruta da máquina escravocrata, contribuindo para que o diferente despontasse na sociedade brasileira no período. Um dos fatores que diferenciou Castro Alves dos demais literatos de seu tempo foi sua luta contra a desigualdade, instituída pelos valores humanísticos que envolviam a liberdade e igualdade, promovendo um chamado para a organização cultural do país.

Todo trabalho desenvolvido gira em torno deste contexto histórico e literário, já mencionados, buscando identificar as características dos escritores da terceira geração do Romantismo. Além disso, pretende-se verificar qual a importância da crítica social de Castro Alves bem como dos recursos poéticos que ele utiliza para tratar das questões sociais, desenvolvendo análises do estilo literário desenvolvido por Castro Alves em comparação com a produção poética de Sousândrade e, Tobias Barreto.

Partindo deste contexto histórico e literário ficam as indagações: qual seria a diferença desta nova poesia onde a superfície das palavras é uma cadeia sonora, retida de imagens internas que assemelha as angústias, comparando a outros poetas da 3ª geração do Romantismo? Este olhar condoreiro, sobretudo envolvido com as causas sociais, foi importante para direcionar uma nova abordagem literária? É a busca por respostas para essas indagações que certamente estão presentes no corpo do trabalho teórico aqui apresentado.

1 O ROMANTISMO

1.1 O ROMANTISMO NA EUROPA

“Saudade! Gosto amargo de infelizes,
 Delicioso pungir de acerbo espinho,
 Que me estás repassando o íntimo peito
 Com dor que os seios d’alma dilacera,
 __ Mas dor que tem prazeres __ Saudade!
 Misterioso númem, que avientas
 Corações que estalaram, e gotejam
 Não já sangue de vida, mas delgado
 Soro de estanques lágrimas--saudade!
 Mavioso nome que tão meigo soas
 Nos lusitanos lábios, não sabido
 Das orgulhosas bocas dos Sincambros
 Destas alheias terras – Oh. Saudade.” (...)

(Almeida Garrett, In. Camões 1825)

A nova expressão literária que vai se estabelecendo naturalmente e se constitui em novas transformações estéticas na poesia, contrapondo a tradição neoclássica e gerando grandes inquietações e um inconformismo que vai descobrindo um novo mundo imaginário define-se por Romantismo. Buscando inicialmente idealizar melhor o estilo de vida e arte, definindo uma série de atitudes e aproximando da realidade envolvendo o amor, a natureza, o belo, o grotesco e inova se expandindo por toda Europa em busca de novas idealizações.

Conforme Coutinho (2001, p.140 -145), o Romantismo surge em decorrência de dois grandes movimentos que movem as estruturais sociais, culturais e trabalhistas na Europa: a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII na Inglaterra, e a Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII. Mais precisamente na Europa repercutia um momento conturbado: a luta de classes sociais envolvendo diferentes grupos em oposição à monarquia, a inovação industrial com modernização tecnológica, o aumento de produtividade, as organizações em defesa dos direitos trabalhistas são pautas discutidas que contradiziam ao regime monárquico implantado. Nesse período houve grande concentração de trabalhadores desempregados ou com baixos salários nas áreas urbanas, resultando em revoltas em busca de melhores condições e igualdade social. Todo movimento que gradativamente ia povoando as áreas urbanas, de certa forma em consequência do fim do feudalismo e abolição da servidão fazendo assim

com que as pessoas se deslocassem para as áreas urbanas promovendo as lutas de classes.

Na visão de Coutinho (2001, p. 140), o movimento que culmina com a Revolução Industrial bem como a Revolução Francesa se espalhando por toda Europa passam ser consideradas como um marco introdutório para a idade contemporânea, dando origem às inspirações que proclamam a liberdade social em diferentes níveis estabelecendo formas construindo o estilo romântico idealizando novos pensamentos caracterizando o espírito romântico.

De forma semelhante, Leonardo de Atayde Pereira (2009), assim se posiciona sobre as conquistas na idealização dos pensamentos e as sensibilidades do poder que culminam com o surgimento do romantismo:

O Romantismo, visto como visão de mundo, representa uma nítida e global mudança na sensibilidade europeia, que começa com mudanças paradigmáticas do pensamento ilustrado e se intensifica com a gestão de uma nova ordem social e econômica, guiada por importantes mudanças na esfera política, como o surgimento de governos anti-absolutistas e liberais, e por emblemáticas reviravoltas na produção industrial, que passa a ser identificada em muitos países, alterando, desta maneira, a relação entre produção e consumo, e o modo como a sociedade, como um todo, encara a realidade. (PEREIRA, 2009, p.08).

Surgem com um olhar voltado para a imaginação valorizando as emoções possibilitando as diferentes criações que disponibilizasse de novas estéticas, fatores que eram vistos como negativos nas idealizações clássicas, mas ganha força no século XVIII com a nova ordem social que se desencadeiam.

De acordo com Coutinho (2001, p. 144-145), as mudanças promovidas pelo movimento romântico que afetam as estruturas sociais, culturais e políticas se repetem também na Revolução Francesa (1789), que contou com diferentes grupos sociais dentre eles trabalhadores e comerciantes, menos favorecidos da cidade, todos descontentes com o regime que favorecia a alta burguesia e explorava através de altos impostos os trabalhadores com as leis implantadas. Com a revolução, surgem as conquistas que levam a burguesia ao poder, passando a usufruir das organizações sociais na França construindo um novo modelo de sociedade.

Conforme explica Bosi (2003, p. 91), seguindo a mesma linha de pensamento de Coutinho, este foi um período em que a burguesia, ainda sob as amarras da nobreza, via o campo com os olhos de quem cobiça o paraíso proibido.

Mas, a partir dos dois grandes movimentos revolucionários na Inglaterra e na França, que reivindicavam o respeito pela dignidade das pessoas, a liberdade, a igualdade, a propriedade individual e o pensamento livre, e a partir dessas mudanças que culmina com os primeiros passos para a igualdade social vêm surgir as, primeiras características que difundem o Romantismo na Europa.

Por sua vez, Massaud Moises (1968, p. 150-154) acredita ser este o momento de um grande movimento literário que desperta idéias inovadoras na liberdade de expressão dos sentimentos, fortalecendo a relação entre o escritor e o público saindo dos velhos costumes ditatoriais. O despertar de um novo projeto que contradiz o sistema arcaico, que de certa forma produziu posteriormente as primeiras manifestações literárias no Brasil.

Um período de grande transição que vagarosamente vai rejeitando as obediências, às regras postuladas, sempre definidas pelos velhos ensinamentos, mas contrapondo-se às idéias tradicionais, ou clássicas. Expondo, assim, o liberalismo burguês onde o homem passa a trabalhar de forma mais livre sem ser tirada a maior parte de seu sustento para cobrir as luxúrias que se estabeleciam no regime da nobreza.

No desenvolvimento da fase inicial do Romantismo na Europa destacam-se alguns difusores que influenciam para o surgimento das novas discussões promovendo assim o despertar de um novo período. Dentre os pensadores pode se destacar, por exemplo, William Wordsworth (1770-1850), que desenvolve uma poesia com um novo tom didático e expressivo. Outro escritor importante foi o filósofo Jean-Jacques Rousseau, que trouxe fortes influências para o Romantismo e busca dar sentido, mas bem elaborado para a idealização humana e às conquistas dos valores sociais culturais e humanos.

Assim se posiciona Pereira, ao se referir a Rousseau:

[...] o grande expoente de Iluminismo que iria abrir, devidamente, o caminho para a formulação das principais idéias de uma série de artistas e intelectuais denominados “pré-românticos” e para o próprio Romantismo, foi o filósofo Jean-Jacques Rousseau. A forma de pensamento de Rousseau se concentra numa correspondência das idéias ilustradas, como a crítica de uma razão frívola como um cabedal de novas propostas para a compreensão do comportamento e julgamento humano. (PEREIRA, 2009, p. 12)

Rousseau enquanto filósofo estuda o desenvolvimento humano e social, e como pensador faz as correspondências ajustando necessariamente aos movimentos que fortalecem o romantismo através das idéias inovadoras trazendo transparência nas ações desenvolvidas por uma revolução cultural de uma sociedade em desenvolvimento.

Ainda outros nomes foram relevantes para a propagação dos pensamentos renovadores do Romantismo, ficando registradas as condutas corajosas de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), na Inglaterra, e Almeida Garrett (1799-1854), em Portugal, com seu poema *Camões*, em 1825, que já apresentava um novo estilo, com uma narração poética que expressava a liberdade dos sentimentos, característica bastante recorrentes, do Romantismo.

Seguindo a linhagem de pensamento dos escritores já mencionados, é possível considerar que o Romantismo surge em diferentes momentos na Europa, formalizando uma ruptura ao classicismo que se evoluía em benefício de poucos privilegiados que conseqüentemente veio a introduzir um novo projeto literário, com o expressar das idéias políticas culturais de um povo.

A partir deste momento, as obras românticas passam a não ser mais consideradas como uma encomenda para a nobreza, ou algo isolado da sociedade, mas seguem agora com liberdade e autonomia prevendo a abertura para o ingresso de um novo público. Desenvolve uma linguagem diferenciada, envolvendo a literatura, a pintura, a música e o teatro como expressões universais, com a arte literária e a cultura como um todo se desprendendo dos modelos clássicos.

De acordo com Coutinho (2001, p. 143), o surgimento das mudanças com o novo projeto romântico, que despertam para diferentes publicações artísticas, que evidentemente veio aumentar o público leitor, modificando o antigo cenário no qual as publicações estavam limitadas a um público de privilegiados. Agora se utilizando de termos relativistas com o contato mais direto, e a valorização da natureza, a vida selvagem proporcionando o refúgio do mundo real e fantasioso. “Seu impulso básico é a fé, sua norma a liberdade, suas fontes de inspiração a alma, o inconsciente, a emoção, a paixão [...] procura idealizar a realidade e não reproduzi-la”, um sonho que vai se realizando distinguindo do inconformismo e da insatisfação.

Deste modo o Romantismo torna-se a força de expressão de um povo na Europa se expandindo para diferentes países ainda no século XVIII, chegando também ao Brasil.

1.2 O ROMANTISMO NO BRASIL SUA FASE INICIAL

Em terra brasileira o romantismo se desenvolve diante do grande conflito que busca o aprimoramento para a formação da identidade do país com os surgimentos das diferentes culturas locais e com as influências européias.

De acordo com Coutinho (2002, p. 22-25), o romantismo brasileiro se inicia diante de grandes divergências nas idealizações e produções das obras literárias, mas foi possível integrar com unidade em torno de um mesmo objetivo, expandir com uma literatura brasileira, com as inovações românticas. Um momento de junção de novas ideias, “o Romantismo brasileiro tem muito de seu a fusão que realizou do momento pessoal ao momento coletivo”. O individualismo existente entre escritores posteriormente dá lugar ao coletivo e culmina com uma estética romântica melhor definida e engajada. Este período que se desenvolve com grande entusiasmo tem como aspectos importantes “o literário e o artístico, o político e o social, envolvendo gêneros variados como a poesia lírica, o romance, o drama, o jornalismo, a eloquência, o ensaio a crítica”. Todas as inovações estavam voltadas para as questões do aprimoramento do movimento literário, o improvisado, a inspiração a espontaneidade faziam parte deste grande círculo de transformações, a liberdade de expressão, a liberdade política, a autonomia ganha força em diferentes setores da sociedade, características próprias do Romantismo.

De acordo com Coutinho (2001, p. 152-153), posteriormente à introdução do Romantismo na Europa vai se desencadeando uma sequência de difusões do movimento enquanto um sistema inovador na literatura, chegando ao Brasil com algumas diferenças em relação ao movimento ocorrido no contexto europeu após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. No entanto, a introdução do Romantismo no Brasil tem como referência o início da história política brasileira como um país independente, fato que se desenvolveu em meados do século XIX,

com os conflitos que tiveram origem na invasão de Napoleão Bonaparte em Portugal.

Conforme o crítico Coutinho (2001, p. 154-156), diante do grande movimento que se expande na Europa intensificando as transformações sociais, culturais, que culmina com a queda do regime monárquico, a Coroa Portuguesa (D. João VI) e boa parte de seus aliados instalam-se no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, no ano de 1808. Com estes acontecimentos, o Brasil, ainda vivia a condição de colônia de Portugal, mas posteriormente com a conquista da independência, inicia um novo período, estruturando melhor as organizações locais em diferentes frentes, desenvolvendo e garantindo as ações não somente na literatura. Estes fatores foram importantes porque veio trazer o progresso local que cresceu na fase inicial o avanço e o aprimoramento da indústria, bem como a relação comercial dentro e fora do país, interferindo no ensino local e implantando o nível superior, difundindo assim a cultura social no Brasil.

Conforme as mudanças foram se desenvolvendo inicialmente, em uma região que tinha muito a ser construindo nas culturas sociais de um povo e até mesmo nas estruturas comerciais e políticas, envolvendo todo território brasileiro a presença de D. Pedro II que residia no Brasil, foi um momento importante nesta fase inicial. Os movimentos se intensificam, o pensar e o agir das pessoas se repercutem fazendo melhor compreender a leitura da realidade, o que, posteriormente, traz resultados positivos para a construção ideológica de uma das maiores escola literária, o Romantismo, que apresenta características culturais e sociais diferentes em terras brasileiras.

Sobre essas questões, afirma Coutinho (2001), a respeito do desenvolvimento romântico na colônia de Portugal e posteriormente no Brasil:

O progresso geral do país durante a fase da permanência da Corte portuguesa (1808-1821), imediatamente seguida pela independência (1822), teve indisputável expressão cultural e literária. O Rio de Janeiro tornou-se, além da sede do governo, a capital literária e, com a liberdade de prelos, desencadeou-se intenso movimento de imprensa por todo o país, em que se misturavam a literatura e a política numa feição bem típica da época. (COUTINHO, 2001, p.155-156)

O Romantismo no Brasil torna-se um símbolo na criação literária, buscando a aproximação da realidade brasileira, evitando assim a simples imitação dos moldes clássicos estrangeiros. Considerando que o Romantismo é a, força de expressão artística de um povo, a exemplo do que já aconteceu na Europa os grandes movimentos como a Revolução Industrial e Revolução Francesa, que molda um novo estilo de homem, mais crítico, livre para pensar e inovar na literatura que antes era contemplação de poucos.

Um pouco diferente, mas também com expressões literárias inovadoras surgiu no Brasil, ainda colônia de Portugal e posteriormente vice-reino, uma literatura própria em um ambiente propício para a criação e a inovação, expressando assim as primeiras manifestações culturais do País através da literatura.

Segundo Coutinho, (2001, p.176-177), o Romantismo é um movimento que se identifica com o ambiente brasileiro. Os poetas que iniciaram a literatura aqui no Brasil souberam valorizar o ambiente local, a natureza e a pátria, com uma predisposição que lança com criticidade um futuro posicionamento brasileiro, fugindo das idealizações clássicas. Citando Andrade Murici, Coutinho afirma que:

[...] o Romantismo é das nossas glórias maiores e mais brasileiras, visto ter tido manifestações que só entre nós seriam possíveis, porque trouxe representações da natureza e da alma humana, e não de alguma vista através de livros; porque então, como nunca, os acontecimentos sociais e políticos refletiram-se fundamente na poesia e sofreram por sua vez a poderosa e benéfica reação desta. (MURICI apud. COUTINHO, 2001, p. 177)

Posicionando assim, Coutinho (2001, p. 177-178, considera o desenvolvimento do Romantismo no Brasil a partir de 1808, momento de transição da condição de para posteriormente Brasil independente, como nada jamais visto. A literatura brasileira ganha características próprias de acordo com o entusiasmo que desperta na inovação dos escritores, que, nos versos livres, expressam a glória maior de um povo que olha o horizonte com sede de construção do saber poético na forma mais natural possível. Diante do grande entusiasmo, surge o Romantismo brasileiro, configurando, a partir deste momento, a existência de uma literatura própria que promove a consciência no conteúdo original e na forma mais completa na difusão da poética nacional.

Com um olhar um pouco mais amplo, Bosi (2003, p. 11-13) afirma que: Inicialmente o Brasil de hoje era considerado colônia de Portugal, portanto objeto de uma cultura, já desenvolvida. E diante das primeiras ações tudo que se pretendia a princípio era o carrear de bens materiais para fora da colônia, ou seja, a verdadeira exploração das riquezas para o mercado externo (Portugal) principalmente, incluindo produtos do tipo vegetal e mineral. E a conquista para sair deste espaço do não ser objeto explorado, para ser sujeito de sua história, desenvolveram muitas lutas, e este foi um processo lento porque dependia do aprimoramento cultural de seu povo para o enfrentamento dos desequilíbrios desta fase inicial.

Mas o Romantismo no Brasil ganha entusiasmo a partir das influências de D. Pedro II, que contribuiu muito para a consolidação da cultura nacional. Expandindo o desenvolvimento nas pesquisas, analisando o passado histórico e os acontecimentos, procurando nos vestígios locais, e observando os nativos, redescobrimo as imagens, implantando instituições de ensino que culminaram com a ampliação do público leitor e o aumento na publicação de obras que serviram como referencial teórico para o início da historiografia e a linguagem literária do Brasil.

Considerando as ideias de Coutinho (2001) e Bosi (2003) sobre a iniciação literária no Brasil, é possível caracterizar que este é um período bastante crítico sendo que as especulações, o aproveitar das riquezas, e até chegar ao posicionamento mais elaborado para a formação cultural linguística de um povo o amadurecimento com o olhar voltado para a pátria.

1.3 O ROMANTISMO E SUAS GERAÇÕES NO BRASIL

1.3.1 Primeira geração

Segundo Coutinho (2001, p. 157-158), posteriormente à fase inicial, considerada como pré-romantismo, período que ainda não tinha uma definição apropriada para as obras literárias no território brasileiro (1808-1836), posteriormente ao Brasil colônia, inicia-se a primeira geração do Romantismo

brasileiro com uma visão nacional e revolucionária. Quem melhor se destacou no início da era romântica foi Gonçalves de Magalhães, sendo o responsável pela criação de uma literatura nacional ainda não existente, uma vez que o que se prevalecia até aquele momento era as correntes portuguesas, ou seja, a literatura brasileira ainda não tinha os méritos de uma visão própria. Nas palavras de Afrânio Coutinho, “o nosso primeiro homem de letras, e quem iniciou a carreira literária entre nós, Domingues José Gonçalves de Magalhães (1836), o visconde de Araguaia.” (COUTINHO, 2001, p.159).

Este por sua vez é o introdutor da ideia romântica no Brasil, prevendo o mesmo uma transformação no estilo poético brasileiro, vendo o índio como um marco para a transformação da literatura brasileira.

Deste modo, confirma Coutinho.

[...] a sua atitude intencionalmente revolucionária, de renovação total da literatura brasileira, expressa no manifesto com que lançam a revista *Niterói* (1836); a intenção antilusa, com a indicação de transferir para a França a fonte de inspiração literária e artística, de onde, aliás simbolicamente lançou a revista e o seu livro *Suspiros e Poetas e Saudades* (1836); a preferência dada ao tema do indianismo, tudo justifica a posição de introdutor do Romantismo que detém Gonçalves de Magalhães na literatura brasileira. (COUTINHO, 2001, p. 159-160)

É possível constatar, deste modo, que a atuação de Gonçalves de Magalhães se limitou mais à introdução da literatura no Brasil, destacando o índio como puro e natural, para introduzir a escola romântica no Brasil.

Conforme Bosi (2003, p. 97-99), Gonçalves de Magalhães é inicialmente o incentivador da literatura no Brasil, desenvolvendo uma poesia ainda arcádica. Porém, com as viagens pela Europa, o escritor desenvolve estudos que terminam influenciando suas idéias sobre o Romantismo.

Vivendo na Europa, mas com lembranças recentes da Colônia de Portugal, posteriormente Brasil, Magalhães lança definitivamente em Paris uma de suas obras que introduz o romantismo no Brasil, *Suspiros Poéticos e Saudades*, de 1836. Cheio de entusiasmo, com as inovações românticas lança pouco tempo depois a revista *Niterói*, que também retrata em tese um pouco das transformações brasileiras, sendo produzida por um grupo de escritores que idealizavam e seguiam estilos idênticos aos estilos de Magalhães.

Segundo o crítico, o trabalho desenvolvido pelo grupo segue um padrão pouco inovador, com influências de Lamartine e Masone, tendo como pensamento ideológico romper com os padrões clássicos mitológicos pagãos.

De acordo com Bosi (2003, p. 104-105), quem realmente se comprometeu com uma literatura mais crítica e brasileira, com menor influência européia foi Gonçalves Dias, o poeta brasileiro mais original do século XIX. Um conhecedor da realidade brasileira, isso lhes proporcionou uma produção de obras que não se comparavam aos estilos anteriores porque se aproximava muito da realidade local, com visão originalmente brasileira. O índio nativo neste território brasileiro teve seus privilégios de estar sempre presente em suas publicações, por que este índio brasileiro figura real e não apenas idealização, ele conheceu muito bem desde sua infância e os tratava em suas obras como substância poética e não apenas como um acessório, para o enriquecimento de estilo poético. Suas obras apresentavam estilo inovador, suas preferências que envolviam as observações eram inspiradas na vida cotidiana da pátria residente Brasil, se destacou com diferentes obras primas como Canção do Exílio e I Juca Pirama que fazem parte das discussões literárias até os dias atuais.

1.3.2 Segunda geração

De acordo com Bosi (2003, p. 109-110), a “segunda geração romântica” se desenvolve com uma ideologia de extremo subjetivismo sofrendo as fortes influências de Lord Byron e a Musset. Toda construção poética desenvolvida se volta para os pensamentos emotivos que trouxeram sérias consequências para a vida pessoal dos poetas, “alguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvidas e ironia, entusiasmo e tédio”.

Conforme Coutinho (2002, p. 139), essa geração de poetas passa a ser conhecida como geração “mal do século”, justamente por sua poesia pessimista e decadente, pela influência da tristeza, pela ansiedade, pelo delírio desenfreado e sem visão para a vida em sociedade, e pela valorização da morte. Um dos escritores que se destaca neste estilo de poesia seria Joaquim de Souza Andrade (Sousândrade) e posteriormente se destaca Álvares de Azevedo.

Com todo subjetivismo ultra-romântico que Azevedo desenvolve seus poemas, Coutinho (2002, p. 142) descreve o modo de vida que o poeta devaneia o sentimentalismo, tédio e desencanto, constantes fugas da realidade, o prolongamento das dores, o proibido e o obscuro, em suas produções literárias, “Absurdo no pensamento da morte, só se preocupava com o lado noturno: as sombras, o crepúsculo, a noite, os túmulos”. Introduzindo a poesia decadentista com uma visão ou sonho e as emoções, tendo a figura feminina (mulher) como algo a ser idealizado e não concretizado na vida real, enxergando aos olhos do sobrenatural são fortes características deste estilo poético que faz parte da escola romântica e contribuiu para desperta-lo a novas idealizações.

1.3.3 Terceira geração

De acordo com Bosi (2003), a terceira geração da poesia romântica foi caracterizada por versos sociais e libertários que refletiam as questões que envolviam o Brasil Império. Essa geração sofreu as influências de Victor Hugo, poeta que também desenvolveu uma poesia política e social.

Coutinho, por sua vez, assinala o fato de que o grupo de poetas brasileiros posterior a 1860 desenvolveu um novo estilo:

Romantismo liberal e social: intensa impregnação política social, nacionalista ligada às lutas pelo abolicionismo (especialmente depois de 1866) e um lirismo intimista e amoroso, por influencia de Victor Hugo tende para um lirismo de metáforas arrebatadas e ousadas, que se batizou (Capistrano de Abreu) de poesia “Condoreira” ou “condoreirismo”. (COUTINHO, 2001, p. 166)

Na visão do crítico, trata-se de uma poesia que veio movendo com o silêncio de uma sociedade que se acomodava ao sistema de privilégios de poucos.

Com poucas divergências em suas abordagens, Bosi e Coutinho consideram a poesia condoreira como inovadora, surgindo com um novo conceito na realidade daquela época. Da mesma forma, ambos reconhecem Castro Alves como um dos mais representativos e inovadores poetas na literatura da terceira geração romântica.

De acordo com Luiz Henrique Silva de Oliveira (2007, p. 46), ainda muito jovem Castro Alves já despertava atenções em suas produções “colegiais”, e sempre gostava de recitar seus poemas em público e no Ginásio Baiano (1861). O ambiente propício para declamar e conduzir as denúncias contra as ações da classe dominante. Alves sempre olhando as condições em que encontravam os oprimidos, defendia a abolição e a República. Com estes atos, muitas outras pessoas passaram a adotar a ideia fortalecendo ainda mais a inovação do jovem poeta.

Exemplificando as atitudes de Alves, assim comenta Oliveira (2007, p. 46-47), “o poema recitado pelo aluno Antônio de Castro Alves no “Outeiro que teve lugar no Ginásio Baiano a 3 de julho de 1861”, foi um momento de grande repercussão;

Se o índio, o negro africano,
E mesmo o perito Hispano
Tem sofrido servidão;
Ah! Não pode ser escravo
quem nasceu no solo bravo
Da brasileira região! (ALVES, 1997, p. 568-569)

Posicionando assim com seu estilo inovador o jovem sai em defesa do índio, do negro e o mais extraordinário acontece em seu quinto verso “solo bravo” não só em defesa dos oprimidos, mas o reconhecimento da pátria. O solo fértil para se construir uma nação estava habitado por portugueses que a princípio tenta escravizar os índios, projeto que não prosperou, porque os nativos tinham facilidade para se deslocar na floresta. E posteriormente às tentativas com os índios, é a vez do negro, que tirado a força da África e trazido para o Brasil, vira mão-de-obra com facilidade uma vez que pouco reagia contra ao sistema. Por estes e outros motivos, Alves ganha as expressões de poeta condor justamente porque soube enfrentar a realidade fazendo aquilo que outros de seu Ginásio Baiano não fizeram.

Assim se posiciona Bosi sobre a estréia de Castro Alves na poesia romântica:

A sua estréia coincide com o amadurecimento de uma situação nova a crise do Brasil puramente rural o lento mais firme crescimento da cultura urbana, dos ideais democráticos e, portanto o despertar de uma repulsa pela moral do senhor – e- servo, que poluía as fontes da vida familiar e social no Brasil – Império. (BOSI, 2003, p.120)

Castro Alves, enquanto representante desta geração, é visto como inovador, apresentando uma nova linguagem poética. Sua obra rompe com o silêncio existente sobre os negros escravos e expõe um problema social que se desenvolvia na colonização do país, distinguindo-se assim da literatura clássica, que voltava o olhar para o índio, o amor e as diferentes culturas urbanas.

Como afirma Bosi (2003, p.120), as palavras do poeta Castro Alves são abertas para a realidade de uma nação que sobrevive à custa da escravidão, como pode ser observado nos seguintes versos do poema “Navio negreiro”:

E existe um povo que a bandeira empresta
 P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija a balança,
 Estandarte que a luz do sol encera
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu, que da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança,
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha! (ALVES, 2005, p. 138)

A indignação de Castro Alves faz dele uma nova voz na poesia brasileira, envolvida com o povo e rompendo com um dogma impregnado nas classes mais privilegiadas. Deste modo, deixa de se restringir aos simples sentimentos individuais, despertando para novos temas, mais abrangentes, como a igualdade de direitos e a luta de classes, diferenciando-se assim dos demais poetas. Fazendo uma denúncia dos acontecimentos “existe um povo que a bandeira empresta/ P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia” a bandeira o símbolo nacional manchada pela conivência que encobriam os problemas da escravidão.

Segundo Bosi (2003, p. 120-121), a poesia social de Castro Alves também apresenta uma nova imagem sobre a mulher, considerando-a como aquela que está próxima da figura sensual, enquanto os demais poetas viam a mulher como algo a ser idealizado. Castro Alves ocupa assim um lugar diferenciado, comparando aos demais poetas, no que diz respeito ao olhar para a natureza, à linguagem inovadora

e à crítica social sobre o sistema implantado mesmo depois da independência do Brasil.

Na visão de Coutinho (2002, p. 04-21) O movimento romântico surge como um amplo movimento internacional com características próprias que vai se constituindo gradativamente com seus diferentes escritores. No Brasil seria difícil limitar momentos diferenciados nas características românticas, mas fica compreendido o pré-romantismo (1808-1836), período de transição, e construção e definição literária no país. Posteriormente outro período compreendido como Romantismo oficial no Brasil (1836-1860). Este foi o período em que se desenvolvem as três principais gerações românticas: A Primeira Geração com a introdução de Gonçalves de Magalhães, e o Indianismo de Gonçalves dias, seguindo a Segunda Geração com a poesia byroniana ou satânica, (Byron), na representação do mais influente, Álvares de Azevedo, com o forte subjetivismo. E finalmente, a Terceira Geração que tem como principal representante, Castro Alves com seus usados poemas representando forte crítica social, que surgem nas aulas do Ginásio Baiano.

As três gerações que se desenvolvem no Romantismo são frutos do amplo movimento que se estende diante das diferentes transformações sociais, culturais e políticas em nosso país, promovendo uma literatura a ser explorada e contemplada em suas diferentes áreas de conhecimento humano.

2 O NOVO PROJETO PARA A FORMAÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL

Ontem serra leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormindo à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje... o povo negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
(Alves. 2005, p.137 "Navio Negreiro".)

Segundo Manuel Bandeira (2005, p. 2), para desenvolver um trabalho consistente relacionado ao projeto literário abolicionista de um dos mais influentes poetas da terceira geração do Romantismo, o poeta dos escravos, assim como ficou conhecido mundialmente Castro Alves em seu tempo, é importante rever alguns conceitos preliminares que trazem melhor embasamentos teóricos para análise e descrição de suas obras.

Por volta de 1964, Castro Alves inicia seu despertar na linguagem poética com um olhar voltado para as dores do mundo. Certamente inspirado pela atriz Eugênia Câmara, desenvolve seus primeiros poemas revelando a dor e o sofrimento dos trabalhadores escravos no Brasil, dentre eles *O navio Negreiro* e *Vozes d'África*, dois poemas que retratam muito bem todo o cenário da desigualdade social e escravidão no Brasil ainda no século XIX.

De acordo com Bosi (2003, p. 120), "o último adolescente", como o crítico nomeia Castro Alves, apresenta uma poesia aberta, com estilo comunicativo, vibrante, com ideias inovadoras, motivadas pelas questões amorosas, sociais e políticas. Partindo desses princípios, nota-se que Castro Alves olhando o mundo em sua volta, constrói uma poesia que trata das questões sociais, (escravidão e pátria) com equilíbrio, e apresentando fortes influências do poeta francês Vitor Hugo. O escritor busca relacionar a realidade com a poesia, ganhando assim grande prestígio na literatura brasileira. Justamente por ser o grande poeta social brasileiro, que soube conciliar a ideia de reforma social com os procedimentos específicos da poesia, não permitindo que sua obra fosse um mero panfleto político no processo social.

Conforme explica Elio Ferreira de Souza (2006, p. 47) o defensor dos escravos:

Como defensor da Abolição da escravatura, o discurso humanitário de Castro Alves faz parte do seu projeto de homem comprometido com o destino dos escravos. Contudo, a sua poesia não vai além das idéias aceitáveis pela classe dominante ou setores mais progressistas da elite senhorial. Castro privilegia a visão do branco sobre o negro e vê o africano como o Outro, um ser estranho, uma raça incapaz que precisa ser protegida. Nesse sentido, ele representa a mentalidade do seu tempo, mesmo se insurgindo contra a exploração da mão-de-obra escrava. (SOUZA, 2006.p 47)

Na visão de Souza (2006, p. 47-48), Alves assume as causas e o destino dos escravos em seu projeto literário, mas traz outra abordagem um pouco diferenciada quando posiciona afirmando que a poesia desenvolvida por Alves e as organizações das elites em seu tempo. Na visão do crítico, o poeta comprometido com as causas sociais compreende os negros como o outro “incapaz” que precisam ser protegidos. Não basta ser influente ou o defensor, mas compreender que aquele que veio do outro lado do oceano também tem suas culturas e seu modo de pensar e agir. Mesmo com este pensamento que termina valorizando a visão do branco, “os versos abolicionistas do jovem “poeta dos escravos” comoveram e continuam comovendo seus leitores. Sua poesia também deve ter influenciado muitas pessoas a pensarem sobre a condição humana do negro cativo”.

Independente do resultado imediato nas ações abolicionistas de Alves, o que fica são as memórias conturbadas fazendo assim pensar sobre a escravidão. O poeta fez valer o peso de sua poesia, não simplesmente para comover, ou aclamar, mas abre uma porta para a reflexão sobre a condição humana do escravizado.

Massaud Moises (1968, p. 26) vem contribuir com a ideia de inovação quando faz compreender que a literatura é a porta que se abre e se fecha, levando o poeta ao caminho de diferentes possibilidades, para enxergar o mundo, expressando assim seus sentimentos em diferentes pontos que a sua mente norteia. Para o crítico, a literatura está aberta para diferentes possibilidades, no pensar, no agir e no construir o novo. E na sua visão é:

[...] pela literatura, que nos conduz a novas fontes de fruição, pela literatura que nos faz sentir que não estamos sozinhos em nossa miséria; pela literatura que expõe nossos problemas, a uma nova luz; pela literatura que surge novas possibilidades e nos abre novos campos de experiências; pela literatura que nos oferece uma grande variedade de estratégias simbólicas;

mediante as quais nos tornamos aptos a circunscrever as nossas situações.
(MASSAUD, 1968, p. 26)

Com base nas diferentes possibilidades que a literatura proporcionou para a inovação, o poeta Castro Alves desenvolveu sua abordagem de temas recorrentes de sua época, como a escravidão no Brasil, retratando assim o lado esquecido pelos primeiros românticos, que na maioria das vezes tratavam das questões do índio e de amores, mas o escravo continuava sempre como escravo.

Com uma realidade bastante expressiva de trabalhadores escravos, o abolicionismo é uma fonte de inspiração da poesia de Castro Alves. Não concordando com as formas que a sociedade vinha tratando os negros. A aproximação de Alves da realidade vivida pelos escravos causa indignação ao poeta, uma vez que a elite que explorava trabalhos escravos recaía sobre o modismo de sempre.

Veja como se exemplifica o comportamento das elites mesmo após a criação das leis abolicionistas, segundo Costa (2006):

As elites buscavam uma identificação com os grupos nativos, particularmente índios e mamelucos, [...] e manifestavam “um desejo de ser brasileiro” ignoravam no seu projeto político de nacionalismo o negro/escravo e a escravidão naturalizou a violência nessa sociedade. Violência pautada na cor marca forte no estabelecimento das desigualdades, na delimitação de universo distintos, sociedades onde as distâncias sociais não eram nem discutidas e as cenas cotidianas de violência com os escravos pareciam não constranger. (COSTA, 2006, p. 181)

Com este estilo de sociedade, apresentando um comportamento completamente tradicional, com um projeto extremamente voltado para a elite, muitos viviam um bem estar social, em uma boemia sem regras e restrita a poucos, mas servindo-se de práticas (a escravidão) que poderiam ser consideradas como trágicas para a vida em sociedade.

Ao analisar essa sociedade, Costa afirma que:

No centro da cidade do Rio de Janeiro, as pensões, os restaurantes, os quiosques, as carroças e as confeitarias baratas davam vida à cidade e favoreciam a prática da boemia. Desenvolveram-se ali, também festas populares, como a malhação do Judas, a festa da glória, o Bumba-meu-boi, dentre outras. Vivia nesse espaço uma população humilde, que, no final do

século, seria expulsa para os subúrbios da cidade, destruindo-se “velhos hábitos coloniais”. (COSTA, 2006, p. 181)

Assim, explica Costa (2006, p. 181-185), diante da harmonia do grupo dominante que estabelecia critérios para a formação das culturas e com a literatura brasileira, o projeto romântico passa a expressar, com um olhar voltado para o indianismo e o regionalismo, propostas que buscam resgatar os princípios para iniciar um projeto nacional na literatura.

O índio é a figura central, aquele distinto e contemplado pela literatura justamente por ser o primeiro em terras brasileiras, este é o pensamento desenvolvido nos primeiros passos na literatura Brasil, o nativo que seria a representação do homem brasileiro, seguindo assim as idealizações projetadas por Gonçalves Dias em seus poemas indianistas bem como por José de Alencar e outros. Mas, partindo desses pressupostos, outras ideias surgem em benefício de uma nova concepção, requerendo assim uma determinação mais bem elaborada para o desenvolvimento do projeto da literatura nacional, considerando-se, assim, que a literatura não nasce no século XVIII, mas sim no decorrer do século valorizando todas as construções literárias de antes e depois. Neste caso, pode se considerar que o índio foi o primeiro a desfrutar do solo brasileiro enquanto nativo historiador nato, presente e conhecedor do território do país. Com este olhar reducionista, expressando o índio como figura principal, considera que este pode até melhor representar, mas não ser o único na construção ou na representação do homem do século XIX. Também se deve considerar o negro, uma vez que o mesmo é parte do progresso em construção, carregando nos ombros diferentes marcas de cicatrizes do Brasil colônia.

Ao discutir essa questão, Costa (2006, p. 186-187) afirma que:

[...] o índio, por ser o primeiro habitante do país, não deve ser considerado como único “genuíno” representante do homem brasileiro no século XIX, mas também o negro uma vez, que ele realizava sua experiência de vida nesse “mundo misturado”, diversificado pelas fortes cicatrizes da colonização e, juntos, edificaram a história do país, em formação. (COSTA, 2006, p. 186-187)

Enquanto conhecedor do projeto literário do Brasil pós-colonial, Castro Alves, com todo entusiasmo, lança seu estilo assumindo as dores da escravidão, mesmo colocando em risco a boa aceitação das suas ideias, uma vez que o projeto

nacionalista já implantado e em pleno desenvolvimento era influenciado por outras culturas que não valorizavam os negros enquanto contribuintes para o desenvolvimento da nação. Contavam com os negros apenas para desenvolver os trabalhos forçados e ter altos lucros, sugando as riquezas do território brasileiro.

Na visão de Oliveira (2007, p. 95), o negro é sempre visto como inferior perante a elite dominante:

Aos olhos das elites, os negros deveriam estar sempre satisfeitos e inofensivos em sua condição submissa. Curiosamente, aceitar passivamente esta condição era tido pelas mesmas elites como conformismo. Por outro lado, os negros esboçarem qualquer reação como fuga ou vingança soava aos dominantes como rebeldia, algo que deveria ser duramente reprimido. (OLIVEIRA, 2007. P. 95)

Com este trato de opressão e ainda ter que suportar tudo como se estivesse tudo certo, no ambiente infame onde a miséria e a covardia faziam parte das pessoas desprivilegiadas e para a elite, nada de mais estava acontecendo, é tudo normal: o negro na senzala, nos barracões desconfortáveis e os senhores usufruindo o sofrer de muito sangue derramado. Perante a sociedade, o negro certamente vivia sem possibilidades de vivenciar um mundo diferente, e muito menos de ser considerado como um representante do homem brasileiro. Motivos de sobra para Alves aclamar em praça pública seus mais bem elaborados poemas que revelam não somente o lado daquele que tudo suporta vítima de um sistema. Mas mostram com clareza a pátria rica e ao mesmo tempo pobre de ideias; frente ao sangue derramado em busca de privilégios de poucos; assim estava impedida de crescer e subir como uma nação fortalecida e igualitária.

Contribuindo com essa concepção, Costa comenta que o jovem poeta Castro Alves “convoca a sociedade para lutar contra a desigualdade instituída pelos valores humanistas de liberdade e igualdade, chamando a atenção para a cultura do país, o que diferencia dos demais literatos do seu tempo”. (COSTA, 2006, p. 191).

Contraopondo uma ideia de nação voltada para poucos privilegiados, o inovador Castro Alves desenvolve uma linguagem que quebra o silêncio sobre aqueles menos favorecidos, opondo-se frontalmente aos discursos literários homogêneos que envolviam o índio, o amor e os costumes urbanos. Na visão de Cléria Botelho da Costa, o autor baiano, com sua poesia, valoriza “o outro, aquele que veio do outro lado do Atlântico pela força bruta da máquina escravocrata,

contribuindo para o diferente despontar na sociedade brasileira.” (COSTA, 2006, p.187).

2.1 A CRITICA SOCIAL E OS RECURSOS POÉTICOS NA OBRA DE CASTRO ALVES

De acordo com Bosi (1994, p. 120), a partir das inovações de Castro Alves, a poesia deixa de ser apenas lamento e contradições silenciosas, muitas vezes não reveladas por outros poetas de sua época, e passa a clamar de maneira muito mais forte, pela igualdade social. Para ampliar este estilo, ele desenvolve novos tons e formas de expressão em seus textos poéticos, introduzindo diferentes conceitos linguísticos, com uma poesia de oratória, de linguagem apelativa e uma inovação com a sonoridade das palavras, chamando a atenção das pessoas para seu estilo poético.

Para melhor compreender o efeito crítico das produções de Castro Alves, serão analisados alguns de seus mais representativos poemas: “Vozes d’África”, “O navio Negreiro”, “Saudação a Palmares”, “Canção do africano” e “Mater Dolorosa”. Dos poemas aqui expostos, busca-se descrever o cenário de algumas estrofes, observando o enfoque ou a descrição das imagens que melhor representam a crítica social de Castro Alves.

De acordo com Bosi (2003, p. 123), a obra de Castro Alves torna-se o marco introdutor de uma poesia com a função de ser um instrumento de reforma social na literatura brasileira. Partindo destes princípios, pode-se observar que Castro Alves, com seu voar alto, descreve, no poema “Vozes d’África”, as difíceis condições de vida dos negros no continente africano que culminam com a escravidão no Brasil. Nesse sentido, é possível tomar o poema “Vozes d’África” como um exemplo da visão condoreira de Castro Alves quando ele consegue visualizar o negro sofrendo constantemente a exploração das classes dominantes. O poema ilustra bem tais situações.

Deus! Ó Deus! Onde estás que não responde?
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?... (ALVES, 2005, p. 141)

A imagem transferida através da leitura nos leva a compreender que a liberdade não está presente. Ali se encontram a ansiedade, o desconforto trágico, toda penumbra sofrida por aqueles menos privilegiados, que clamam em mais alto tom por aquele que seria seu patrono. No trecho *“Deus! ó Deus! onde estás que não responde?”* exclama-se, interroga-se, exalta-se diante do sofrer do negro, que espera por um Deus, sem ter forças para reagir aos maus tratos impostos.

Castro Alves vai descrevendo todo cenário, vivenciando as expressões do negro com suas atitudes na busca da liberdade e igualdade de direitos. Percebe-se essa espera ainda nesta primeira parte, na qual ele menciona que *“Há dois mil anos te mandei meu grito”*. O escritor consegue materializar toda fúria, transmitindo para o poema o grotesco, aquilo que não se imaginava que poderia acontecer com um ser indefeso em um sistema infame, no qual um se serve enquanto muitos bradam a Deus para serem servidos.

Conforme Bosi (1977, p. 35), a visão crítica expressa nos textos de Castro Alves traz à tona a expressão do pensamento que, por sua vez, depende do discurso desenvolve toda articulação sonora capaz de comover o leitor atento a seus clamores em favor de um estado que oprime e não valoriza o ser enquanto pessoa.

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
- Infinito: galé!...
Por abutre - me deste o sol candente,
E a terra de Suez - foi a corrente
Que me ligaste ao pé... (ALVES, 2005, p. 141)

Todo o envolvimento crítico e social de Castro Alves tem como propósito mostrar o lado não visto por uma sociedade que explora um indivíduo que também deveria ter seus direitos garantidos pelos seus justos trabalhos, mas isto realmente contradiz as idealizações de Castro Alves que visa um projeto de liberdade e direitos.

No trecho acima, é possível observar como o eu lírico se aproxima do corpo ardente de fúria e ingratidão da penumbra: *“Qual Prometeu tu me amarraste um dia”*, onde os negros sem direitos e sem liberdade, vistos como algo a ser explorado, passando pelo sofrimento e ainda devem estar contente, recebem de Castro Alves os tratos jamais previstos na idealização humana.

Seguindo outro exemplo de representação do negro, que busca razões para seus dias que se desencadeiam diferentes dos do homem branco, o poema “Vozes d’África” também continua questionando.

E nem tenho uma sombra de floresta...
 Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
 Quando subo às Pirâmides do Egito
 Embalde aos quatro céus chorando grito:
 “Abrija-me, Senhor!... (ALVES, 2005, p. 142)

Desprovido de um bem estar, assim apresenta Castro Alves aquele que é tirado do outro lado do oceano e aprisionado em terras brasileiras, sem identidade pessoal e vítima das da injustiça. O reconhecimento do verdadeiro desprezo vem no primeiro verso da nona estrofe: “E nem tenho uma sombra de floresta...”. Fica claro que o trabalho forçado deixa as marcas da opressão, sofrida pelos cativos, assim Alves descreve que na vida cotidiana o simples ato de ir e vir são negados, aos menos favorecidos, ficando à mercê em um mundo fechado, desprovido do pensar e do agir.

Seguindo com as análises dos poemas de Castro Alves, que bem descreve diferentes situações de sofrimento daquele sem abrigo, sem razão, sem a liberdade de expressão e de sentimentos, veremos alguns fragmentos do poema “Navio Negroiro”. De acordo com Manuel Bandeira (2006, p. 02), este é um dos célebres poemas que descreve as aflições dos negros, infelizes no cruzamento da África para o Brasil. Nas primeiras estrofes, o eu lírico cuidadosamente se debruça sobre o gigantesco navio que flutua sobre as ondas do mar, fazendo assim uma descrição mais ampliada da paisagem natural exuberante, uma apresentação do cenário por aonde vai e vem “silenciosamente” aqueles que transportam vidas em pleno sofrer. Assim descreve Alves a rota do aflito negro que deixa do outro lado do oceano, todo seu sonho.

‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
 Brinca o luar – doirada borboleta ---
 E as vagas após correm... cansam
 Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
 Os astros saltam como espumas de ouro...
 O mar em troca acende as ardentias
 ---- Constelações do liquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
 Ali se estreitam num abraço insano
 Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
 Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?... (ALVES, 2005, p. 133)

Com um olhar inicialmente mais amplo e distanciado, Castro Alves descreve um cenário agradável aos olhos humanos, céu e mares distintos que se encontram no vasto horizonte, com os versos “‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço” dando a idéia de que não existe direção a seguir. Mas já denuncia o tráfico de escravos e vai aproximando do Cesário que numa visão superficial é tudo muito tranqüilo, mas esconde vidas que estão sendo tragicamente reprimidas num absoluto sofrer.

De acordo com Amora (1973, p. 101), é possível observar que, nesses versos, Castro Alves expressa grande entusiasmo e sensibilidade. A eloquência, que posteriormente vai dar lugar à melancolia e aos atos de crueldade, é um recurso estilístico fortemente relacionado com o abolicionismo assumido pelo poeta. O eu lírico vai se envolvendo com os sentimentos, olhando de forma bem aproximada e, com uma linguagem extremamente crítica da realidade, descreve com precisão o cenário que tem diante dos olhos.

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
 Desce mais, inda mais... não pode o olhar humano
 Como o teu mergulhar no brigue voador.
 Mas que vejo eu ali!... que quadro de amarguras!
 Que cena funeral!... Que téticas figuras!...
 Que cena infame e vil!... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (ALVES, 2005, p. 135)

Introduzindo uma linguagem mais eficiente, Castro Alves não foge do ambiente avassalador e aumenta a tensão do poema, suplicando “*Desce do espaço, ó águia do oceano!*”. Nesses versos encontra-se um convite feito de forma expressiva, com a representação do olhar mais alto e sublime que se defronta com o inesperado, com o jamais visto, com a imagem decadente e intrigante do ser exposto ao maior sofrimento.

Diante de todo o universo, é preciso ter uma visão de águia, segundo o eu lírico de Alves, para ver e aprofundar-se na compreensão das misérias humanas, como toda sorte de humilhação a que estava e nascia sujeito o negro no Brasil escravagista. Nota-se que o eu lírico afirma, no segundo verso da estrofe citada

acima, que “não pode o olhar humano” contemplar a tais misérias. Talvez porque os homens em geral estavam submetidos ao mesmo sistema político da exploração da vida e das pessoas.

Alves soube muito bem despertar para a realidade, fazendo uma crítica social através das palavras. Assim como comenta Bosi (1977, p. 21), “a superfície da palavra é uma cadeia sonora” que promove uma série de articulações, estabelecendo novas linguagens. Esse aspecto é visível na obra de Alves quando ele utiliza-se de uma visão muito além de uma imagem real, tal como nos versos “Mas que vejo eu ali!... que quadro de amarguras!”. Nesse trecho, é possível também observar o uso que o poeta faz de sinais de pontuação, como a exclamação e as reticências, para comover e aproximar o leitor, fazendo com que este “veja” a cena, mesmo sem ter presenciado-a.

Conforme Massaud Moisés (1968, p. 32), a poesia seria a comunicação e a expressão do “eu”, envolvendo a situação. “Como a palavra é o signo literário por excelência, teríamos que a poesia é a expressão do eu pela palavra, quer dizer, a expressão duma “situação” em que o “eu” se torna espectador e ator ao mesmo tempo, ou por outro, sujeito e objeto simultaneamente.

Deste modo, Castro Alves faz um esforço para clamar e representar a realidade, visualizando em seu mundo exterior, que expressa em seus poemas a escuridão, as cenas infames que retratam o lado esquecido, mas prestigiado pela elite que via o negro como escravo demônio, o negro injustiçado que não seria capaz de construir seus pensamentos criando possibilidades.

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fundo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar! (ALVES, 2005, p. 136)

Sem possibilidade de questionar, os negros, todos num mesmo estado deprimente (escravos), são apresentados como “presos nos elos de uma só cadeia”.

Os versos retratam a forte opressão daqueles negros escravos acorrentados, que vivem ali amordaçados na desigualdade e nos arruinamentos provocados por uma classe dominante que pouco ameniza em favor da liberdade do negro. Sempre aquele que jamais será visto como o bom prestador dos afazeres, mas está para visar lucro, serem explorados, tudo que tinham não importava e foi arrancado de seu leite sem motivos por aqueles escrivocratas que se diziam senhores. O que resta é ceder a vida diante de seu sangue derramado. E diante de todo inconformismo, buscando a vida livre, os negros rondam o ambiente fúnebre sem compreender o que se passa. Cambaleiam, mas logo se erguem na tentativa de se libertar e as lutas sempre em vão: “Um de raiva delira, outro enlouquece...”, todo devaneio dos negros em busca da liberdade, mas pouco adianta lutar em um ambiente em que a luta era sinônimo de crueldade.

Descrevendo bem de perto as aflições e as misérias que se desencadeavam no interior daquele navio que deslizava sobre as águas do oceano, Castro Alves busca apresentar as imagens de um ambiente exterior tranquilo, com os versos “O céu que se desdobra tão puro sobre o mar”. Mas na cadeia sonora das palavras bem escritas por Alves se encontra o grotesco, o inferno que está logo ali no interior do navio, ficando nítido como o eu lírico de Alves aproxima os dois mundos distintos, deixando assim aflorar toda sua indignação ao materializar para o leitor sua mais alta crítica social.

Horror e covardia são termos poucos usados para descrever este cenário que se forma nos primeiros passos na história política e literária do Brasil, e Castro Alves traz à tona, através de uma literatura crítica, o lado mais frustrante, o sangue derramado que deixa marcas profundas na formação do povo brasileiro.

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantásticas a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!... (ALVES, 2005, p. 136)

Costa (2006, p. 191) questiona qual seria o orgulho de uma nação ver sua história construída em meio à perversidade de grupos que pensavam que brancos e índios eram a perfeição do país, mas negros eram demônios transmissores de doenças, um malefício para as altas elites. E todo sangue, aquele que corre na veia

do negro por ventura é diferente do sangue do branco? Independentemente da possível resposta à pergunta de Costa, o que Alves deixa claro é que este mesmo negro maléfico, que “para a alta classe” não pode se ajustar como brasileiro tem seu sangue sugado, em uma atitude infernal realizada por pessoas que pouco se importam com a colonização do país, visando cada vez mais lucro que, na verdade, é na sua maioria carregado para fora do Brasil.

Diante de todos os preconceitos e maus tratos já não se tem mais controle. Castro Alves, no verso “E ri-se Satanás!...”, descreve a perversidade que já não é novidade. O lado maligno ganhou corpo com o não reconhecimento da vida daquele que também tem sentimentos, dores e emoções.

Todo envolvimento do poeta vai se desencadeando nesta quarta parte do poema, quando Alves continua a descrever o campo deprimente, que deixa uma imagem do vazio existente na perspectiva de vida onde os negros possam usufruir de bens materiais, suprimindo suas vontades e esperanças;

São os filhos do deserto
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde voa em campo aberto
 A tribo dos homens nus ...
 São os guerreiros ousados,
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem a solidão...
 Homens simples, fortes, bravos ...
 Hoje míseros escravos
 Sem ar, sem luz, sem razão... (ALVES, 2005, p. 136)

A cada passo que se aproxima da realidade, Alves, apresentando uma linguagem apelativa, convoca a sociedade de seu tempo para olhar o mundo daqueles que lutam pela liberdade e pouco têm para compartilhar se não os trabalhos forçados: “São os filhos do deserto”, abre uma reflexão para mostrar a vida, o íntimo daqueles que ali estão.

De acordo com Bosi (1977, p. 22), a linguagem poética considera que “a linguagem indica os seres ou evoca”, e partindo desta hipótese é possível considerar que Alves expõe um fato importante através da poesia. Quando menciona o negro como uma geração desprovida de um chão que os sustente diante de uma sociedade que já visava fortemente os lucros dos trabalhos e não a valorização da vida de um ser considerado sem sentimentos.

Ainda falando sobre o desenvolvimento da linguagem que formula os discursos poéticos, Bosi (1977, p. 25) afirma que “[...] o discurso é forte, é capaz de perseguir, surpreender e abraçar relações inerentes ao objeto e ao acontecimento [...]”. Considerando assim que a linguagem formula um discurso capaz de perseguir ou surpreender, é possível analisar que Alves considera que a sociedade do século XVIII ou XIX apresenta sérias dificuldades para compreender a vida como algo extremamente importante para o crescimento social e cultural do país em construção.

Contribuindo com este pensamento assim se posiciona Costa (2006, p. 188):

O desejo da elite imperial de manter-se na harmonia, pois era herdeira de todos que venceram antes, significava a cumplicidade com uma concepção de história que adere aos vencedores e nega aos escravos a condição de sujeito, de homem que ama, luta, cria, sonha e tece suas memórias. (COSTA, 2006, p. 188).

Olhando assim a realidade que Costa e Castro Alves descrevem sobre a vida e o sofrimento dos negros, estaria desvinculada toda imaginação de valorizar aquele que também constrói a cultura do país, “São os guerreiros ousados, Que com os tigres mosqueados Combatem a solidão”. Diferentes qualidades se apresentam, mas são desqualificadas diante de um povo que certamente finge não ver tanta infâmia e covardia que só contribui para as suas misérias.

Descrevendo toda indignação Castro Alves aproxima do navio negreiro e transmite todo sofrimento que pode ser visualizado sem pressentimento humano, mas agora volta toda a atenção para as ações da sociedade;

E existe um povo que a bandeira empresta
P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia! ...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! Chora, chora tanto
Que servires a um povo de mortalha!... (ALVES, 2005, p. 138)

Assim descreve todo acontecimento desenvolvido pela pátria sendo que mais grave é o servir a pátria com a escravidão: “E existe um povo que a bandeira empresta”, o costume continua como sempre os velhos hábitos coloniais, o silêncio sobre escravos imposto pela marca colonial e difundido no Império, que por sinal só vem manchar a bandeira: “manto impuro” abertamente. Alves construindo seu

poema revela o lado feio da sociedade diante da bandeira brasileira de um país em construção.

Através de suas obras, o poeta continua denunciado, descrever toda indignação, assim posicionando “P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...” duas palavras (infâmia e cobardia) que representam os modos como a sociedade se comporta no tratamento com os escravos.

De acordo com Costa (2006, p. 187), o poeta dos escravos veio inovar a linguagem que denuncia todo sistema de escravidão; “Castro Alves, enquanto poeta, inventou uma linguagem capaz de quebrar o silêncio sobre o negro escravo e a escravidão, ditado pela colonização [...]” Este é mais um exemplo de que Castro Alves deu visibilidade aos acontecimentos que enfeavam a pátria.

Contribuindo com este conceito, Bandeira (2005, p. 3-4) afirma que o trabalho de Alves não esconde seus sentimentos e indignação sobre o sofrer de um povo; “O que mais indignava o poeta era ver que o Novo Mundo, “talhado para as grandezas, pra crescer, criar, subir”, a América que conquistara a liberdade com formidável heroísmo, se manchava no mesmo crime da Europa. Portanto, todas as informações revelam que as indignações de Castro Alves eram bem vistas para o, despertar de uma nação que vivesse livre das amaras da escravidão ou de escravizados.

Para descrever todo silêncio, Alves trás no poema “A Canção do Africano” as condições sempre negadas aos negros escravos exemplificando com precisão o ambiente onde eles viviam. O narrador, observando os acontecimentos, a obediência do negro, como se ele aceitasse as condições impróprias de cativo impostas.

LÁ Na ÚMIDA senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar ...
E a noite voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez p’ra não o escutar! (ALVES, 2005, p. 100)

Nos versos acima, o que se observa é a passividade que envolve o negro, conforme a descrição piedosa do eu lírico, “LÁ Na ÚMIDA senzala, Sentado na estreita sala, Junto ao braseiro, no chão,”. Este ali, possivelmente observado deprimido, mas o poeta nos convida para descer até a senzala, vamos olhar de perto, como eles estão e analisar um ambiente extremamente imprescindível e o que mais se contempla é a submissão do indefeso, o drama vivido que ali se conclui num olhar desumano no estrito labirinto.

Certamente, tem sonhos, porque é notável quando o poeta descreve: “Entoa o escravo seu canto, E ao cantar correm-lhe pranto”. As expressões marcam a saudade do seu campo aberto, de sua vida livre na África, longe das garras da escravidão. Para Oliveira (2007, p. 81), “O cativo não é visto como tábula rasa ou folha em branco a ser preenchida”. Mas tem seus sentimentos e os expressa através da música, suas angústias.

O narrador faz a denúncia da servidão presente, com exagero nos acontecimentos e o descontentamento dos cativos.

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas a outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro”. (ALVES, 2005, p. 100)

A narração em primeira pessoa vai deixando claro a tristeza dos negros naquele momento infame: “Minha terra é lá bem longe, [...] Esta terra é mais bonita, Mas a outra eu quero bem,”. Poderia sim viver ali o negro liberto, com seus costumes, porque relata que esta terra é mais bonita, mesmo diante de todo sofrer, ainda tem uma visão distinguindo o que é belo. Isso nos faz compreender que realmente o cativo não era “uma tábula rasa” (Oliveira, 2007), apresenta um gosto pelo ambiente, mas prefere a outra (continente africano) livre das amarras e da trágica escravidão.

Uma das obras de Alves que retrata o negro refugiado é “Saudação a Palmares”, em liberdade com outra condição, de vida geralmente vivida longe das senzalas, mas o sofrimento é constante, mesmo livre leva uma vida regrada.

Nos altos cerros erguido
 Ninho d'águias atrevido,
 Salve!---Pais do bandido!
 Salve----Pátria do jaguar!
 Verde serra onde os palmares
 --- Como indianos cocares---
 No azul dos colúbios ares
 Desfraldam se em mole arfar!...

(...)

Palmares! a ti meu grito!
 A ti burcas de granito,
 Que no soçobro infinito
 Abriste a vela ao trovão.
 E provocaste a rajada,
 Solta a flâmula agitada
 Aos uivos da marujada
 Nas ondas da escravidão! (ALVES, 2005, p. 144)

Diante de todo contexto desenvolvido, o negro se vê livre em Palmares, cheio de esperanças, do viver liberto ao ar livre, mas sempre confrontado no meio da escuridão. Alves contempla com alegria o cativo alforriado que corre pelas matas com alegria e simplicidade.

A visão da mulher escrava sobre as imagens da fragilidade, seu íntimo dilacerado com olhar, pouco idealiza neste cenário que confrontos distintos são travados e sua proteção fica longe de ser reconhecida enquanto cativa, Alves traz a representação da mulher em “Mater Dolorosa” e todo sofrimento que envolve a mulher negra.

Meu filho, dorme o sono eterno
 No berço imenso, que se chama --- o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu.

(...)

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
 Deus me perdoa ... me perdoa já.
 A fera enchente quebraria o vime...
 Velam-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno
 No berço imenso, que se chama o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu. (ALVES, 2005, p. 100)

Este é um dos poemas que Alves representa à mulher negra que também sofre os maus tratos, a dor de ver o filho no leito da miséria: “perdão, meu filho... se matar-te é crime...”, diante do extremo sofrer a mãe vai se desfazer do filho, assim é melhor do que sofrer as dores da escravidão.

Conforme Oliveira (2007, p. 64), a luta dos cativos contra a escravidão e o servir aos senhores é motivo de indignação: “a escrava assassina o filho, subtraindo de si carne de sua carne, subtrai também riquezas de seu senhor”; o poeta busca exemplificar os acontecimentos estabelecendo um diálogo para que o leitor seja convencido e saiba compreender toda temática textual na poesia condoreira.

De acordo com Oliveira (2007, p. 55-96), Castro Alves, o poeta jovem, que já no Ginásio declamava seus ensaios de poema, reconhecendo que a vida dos negros cativos não seria algo confortável de se viver e desagradável para o país. Sempre avança na direção das cenas trágicas, sempre olhando de perto com muito empenho para evitar as marcas ideológicas do sistema já implantando, uma vez que o próprio poeta fazia parte da elite, mas o que diferenciava dos demais era justamente sua crítica social. Queria com seu projeto inovador mudar o país e a vida das pessoas, principalmente os menos favorecidos e cativos.

Foram muitas recaídas, uma vez que Castro Alves era uma pequena luz em meio a uma multidão de pessoas traficantes de escravos, senhores e, tantos outros comandantes. Mas o poeta foi persistente para vencer não para si, mas para um público que até os dias atuais vivem no Brasil moderno, não muito distante daquele tempo e podem lembrar com precisão as manchas ainda não apagadas.

Castro Alves em seu tempo, conforme afirma Oliveira (2007, p. 55), desenvolvia uma temática influenciado por Victor Hugo e estava sempre a campo de batalha próximo das angústias de seu público;

São Paulo e Rio de Janeiro - locais onde os versos de Castro Alves ganham espaço. Em consonância com o programa de Hugo, através da poesia os receptores são convidados a repensar desde o modelo de pátria monárquica até a urgência da abolição. Vale destacar que é dentre 1865 a 1869 que Alves participa das primeiras manifestações do que se transformaria em campanha abolicionista - não só com poemas bombásticos; sua peça *Gonzaga ou a Revolução de Minas* fez grande sucesso, sobretudo entre os jovens cultos de formação ilustrada e liberal, abertos a mudanças e influenciados pela escola Romântica, já a todo vapor na Europa e no Brasil. (OLIVEIRA, 2007, p. 55)

Talvez Castro Alves não tenha conseguido com êxito realizar um dos seus maiores sonhos, ver abolida a escravidão no Brasil, porque foi levado muito cedo, com seu declamar poético. Mas a semente semeada com o desejo de com seus versos mudar o país está sendo levado em frente, e com um declamar um pouco mais sintetizado, mas com genialidade, com novo cenário que vai se construindo presente em nosso meio. Mas a senzala está em ruína e não será banida, e tem motivos para ser um dos maiores monumentos históricos, porque lá ainda está o olhar de Castro Alves que vai sendo mantido, por gerações e gerações.

3 A TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA E A ANÁLISE DOS ESTILOS LITERÁRIOS NAS OBRAS DE CASTRO ALVES, TOBIAS BARRETO E SOUSÂNDRADE.

E este deserto foi sanctificado
 Aos coros sacros; do Evangelho á gloria:
 Por isso hoje os que aos ferros hão quebrando-
 Quem não teme os quilombos da Victoria?
 “Os que a si próprios se libertam, correm
 As sagradas florestas; hi se acoutam
 E endurecem montezes; se hi pernoitam
 Na solidão, ao menos livres morreram.
 “Não há mais fértil bosque e mais profundo
 Os fructos caem, anda mansa a caça,
 Que impenetrável torna-o para o mundo,
 “Oh! Que há virtude nos rebéis fugidos,
 Que a sociedade deixam dos escravos
 Pela da fera e os matos! Vis ingnavos
 São d’estima os comprados e vendidos.
 (ANDRADE, Canto V, p. 119)

Segundo as abordagens de Afrânio Coutinho (2002, p. 14-15) o movimento romântico no Brasil surge diante de grandes idealizações que credenciam o país rumo a uma literatura própria de seu povo, introduzindo seus costumes, suas crenças e valores que estavam em construção. A arte e toda expressão literária que se inicia em terras brasileiras foi influenciada por novas características, buscando descrever a Pátria e adaptando-se a cor local. Esse movimento teve inicialmente o índio como maior expressão poética, fonte de inspiração para a poesia em território brasileiro, sendo Gonçalves Dias um dos melhores representantes neste período para a descrição da pátria.

Mesmo com as idéias inovadoras desenvolvidas por diferentes poetas prevendo a abordagem de uma introdução literária com novas expressões e diante das fortes emoções que caracterizavam de forma muito natural as idéias românticas, as propriedades da cor local, a literatura com tema brasileiro apresentou intensas influências do romantismo europeu, se espelhando num passado não muito distante.

Segundo o crítico, a chegada do movimento romântico no Brasil foi um dos grandes acontecimentos, vindo a proporcionar a inovação para o país, por que foi através do movimento romântico que surgiram as oportunidades para se conquistar a “independência literária”. A exaltação da pátria proporcionou diferentes produções literárias e um novo temperamento poético, evoluindo rapidamente todo processo

que culmina com uma poesia de linguagem brasileira, livre das penumbras clássicas de meio século de tentativas pouco proveitosas:

O período de meio século, entre 1800 e 1850, mostra um grande salto na literatura brasileira, passando-se das penumbras de uma situação indefinida, misto de neoclassicismo decadente, iluminismo revolucionário e exaltação nativista, para uma manifestação artística, em que se reúne uma plêiade de altos espíritos de poetas e prosadores, consolidando, em uma palavra, a literatura brasileira, na autonomia de sua totalidade nacional e de suas formas e temas, e na autoconsciência técnica e crítica dessa autonomia. (COUTINHO, 2002, p. 14)

Na fase inicial do Romantismo no Brasil buscava-se a construção de uma literatura própria, e quem sobressai neste período inicial é a figura de José de Alencar, “o patriarca da literatura brasileira”, um dos maiores representantes, incentivador da revolução literária, para se ajustar aos moldes de literatura própria de seu povo, contribuindo com o movimento de renovação e busca a adaptação da literatura no Brasil fugindo da simples imitação dos moldes europeus.

De acordo ainda com Coutinho (2002, p. 15) José de Alencar (1829-1877) foi uma forte expressão na literatura brasileira, marcando a ruptura com os estilos e os gêneros clássicos na expressão literária no Brasil. O mesmo movimento revolucionário aconteceu com a poesia brasileira que veio inovar, sobretudo com as idealizações de Gonçalves Dias (1823-1864), um dos melhores poetas que soube representar a Pátria, com sua forte atuação no indianismo e na cor local. Posteriormente ao desenvolvimento da fase inicial do Romantismo, volta-se o olhar agora para a terceira geração de poetas, e encontramos neste período, Castro Alves (1847-1871), um dos maiores idealizadores da expressão na poesia social condoreira apresentando um estilo abolicionista.

É com base neste desenvolvimento da literatura que busca priorizar a produção poética e artística em nosso país, que vai se moldando toda temática de trabalho voltando-se para uma análise de forma mais aproximada da construção poética e literária que envolve os poetas que se destacam na poesia brasileira. Considerando para este momento três grandes poetas que bem representaram a construção poética em nosso país: Tobias Barreto de Menezes (1839-1889), com seu discurso melancólico e às vezes esquecido, incompreensível diante de uma crítica pouco contextualizada. Também o poeta Joaquim de Souza Andrade (1833-1902), com seu olhar mais nacional, talvez menos regionalista, mas que não deixa de expressar em

suas obras o lado social brasileiro, mesmo diante das influências européias, e o mais autêntico brasileiro esclarecido, Antonio Frederico de Castro Alves (1847-1871), o poeta crítico que melhor se identificou com a nossa realidade, e em pouco tempo se destacou, com seu olhar de águia, contemplando a nossa literatura com suas críticas expressivas e bem determinadas.

José Veríssimo, que através de suas abordagens bastante, críticas quando se trata dos poetas da terceira geração, afirma que fica dispensável a confirmação na proximidade na estrutura ou da construção poética entre os últimos românticos. Considerando os poetas Castro Alves e Tobias Barreto em estudo, “nenhum traço comum saliente liga estes poetas” (VERÍSSIMO, 1963, p. 240), muito menos Tobias Barreto e Castro Alves. Veríssimo foi bastante claro e objetivo em suas considerações, mas cada leitor ou escritor tem a sua visão a ser esclarecida, posteriormente às análises. Cada leitor apresenta algo novo porque a literatura nos proporciona mudanças, não é algo fechado na ótica de um só olhar, mas sim flexível para diferentes possibilidades que vai se transformando não apenas com as ações do tempo, mas com as novas visões.

De acordo Veríssimo (1963, p. 240), Tobias Barreto e Castro Alves têm em comum alguns traços que se aproximam na feição oratória envolvida, sobretudo com as causas sociais, prevendo a inovação nas culturas sociais que posteriormente vissem fortalecer a relação que aproxima o escritor e o público, uma relação de defesa, encontrando meios que transformassem a realidade de conservadorismo existente em nosso País. Com estas ações, os poetas repudiam os velhos costumes ditatoriais, impregnados nas classes dominantes, com suas idéias inovadoras que contrapõem ao sistema, conseguindo promover uma revolução cultural em uma sociedade em desenvolvimento.

A força da expressão dos poetas é reconhecida justamente por estes apresentarem, em suas obras poéticas, um estilo que passa a representar os menos favorecidos, os sem-nome na sociedade. Indo além do superficial e ganhando assim a essência para o condoreirismo que tem como características um olhar que vai além das aparências ou da simples imaginação, deixando de ser tímido, egocêntrico, aproximando da realidade. A inovação promovida por estes poetas veio contribuir com a construção literária de seu tempo valorizando toda demonstração artística de seu povo e não apenas o privilégio de poucos.

3.1 APROXIMAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE TOBIAS BARRETO E CASTRO ALVES

Para melhor compreender a postura crítica de Veríssimo (1963, p. 240), é importante a aproximação da obra poética de Tobias Barreto e Castro Alves, fazendo uma viagem no tempo, desvendando um estudo em torno da sonoridade das palavras, no encontro das intenções que os poetas apreensivos escreviam em seu tempo. Para ser possível a análise de alguns fragmentos, desencadeando os pontos mais críticos ou relevantes, passa-se a uma minuciosa leitura dos poemas “Ainda à Adelaide do Amaral”, de Tobias Barreto, e “Mater Dolorosa”, de Castro Alves. A aproximação dos versos nos proporciona compreender os pontos que melhor se identificam na sua postura crítica ou social que vai construindo não apenas poesia inovadora, ou apenas palavras bonitas, cheias de significados importantes, mas o que também está em jogo é o envolvimento com o meio social e cultural que envolve todas as pessoas.

Segue o verso em análise “Ainda à Adelaide do Amaral”, poema escrito pelo nosso poeta brasileiro Tobias Barreto, o crítico que contribuiu com a formação ideológica para uma literária crítica e social em nosso País.

Atriz, não sei o mistério
Do teu talento estupendo!
Mulher, eu te compreendo
Nas falas do coração...
Tu, simpática e celeste,
Colheste, d'arte aos quebrantos,
O aplauso de nossos prantos,
E queres deixar-nos?... não!

Se tens saudades que ao longe
Dispersam teu pensamento,
Nós pediremos ao vento
Que sopra mais devagar,
Que à tarde, nas fibras ternas
Do teu peito harmonioso,
Module um canto mimoso,
Que não te faça chorar... (BARRETO, 1864, p. 197-198)

Pode-se constatar neste verso o forte entusiasmo de Tobias Barreto, na defesa das questões sociais, sobretudo a mulher, “Se tens saudades que ao longe Dispersam teu pensamento,” a visão da mulher descontente oprimida pelas faltas de oportunidades, desprovida de sonhos. Tobias Barreto transfere para seu poema, as preocupações com o íntimo e o sofrimento, descrevendo as angústias da mulher. O poeta consegue descrever a imagem da mulher sensível, que às vezes não é compreendida.

Tobias Barreto enquanto poeta da terceira geração com uma juventude pouco comprometida com a poesia, conforme afirmou Veríssimo (1963), mas com as diferentes fontes de pesquisas, pode se constatar que o poeta foi muito influente, contribuindo de forma positiva com este período, inaugurando uma postura crítica em favor das questões sociais.

De acordo com as afirmações de Marcio Luiz Nascimento (2010, p. 177), o poeta Tobias Barreto foi um grande defensor das causas sociais, inclusive desencadeou uma forte crítica contra o catolicismo, que promovia idéias de igualdade social, mas agia de forma extremamente fechada para a realidade. “A seu ver, o catolicismo não fora um elemento de integração nacional como acreditavam os românticos, mas uma força nacional retrógrada e reacionária, resistentes as idéias reformadoras e modernizadoras”. Acreditando Tobias Barreto que o catolicismo fosse um verdadeiro afronto para a busca da liberdade, justamente por não demonstrar avanços na capacidade que viesse a consolidar um estado promissor, livre das velhas tendências ditatoriais, que privilegiavam um sistema arcaico e não promissor para seu tempo, pois “tem as mãos cruentas de sufocar auroras e garrotear idéias”. Estas posturas inovadoras de Tobias Barreto habilitam o mesmo ao grupo de condoreiros que lutam em busca de uma sociedade livre, neste caso aproximando-se de Castro Alves, um dos poetas que melhor representou este período.

Na aproximação dos versos de “Ainda à Adelaide do Amaral”, de Tobias, aos de “Mater Dolorosa”, de Castro Alves, é possível observar o comprometimento dos poetas e a semelhança no tom de eloquência de ambos, como afirmou antes Veríssimo (1963), adotando um estilo comovente com maior intensidade poética, declamatória, com maior comprometimento com as causas sociais. Fica de certa forma evidente que Castro Alves diverge de Tobias Barreto, uma vez que seu envolvimen-

to com a poesia social apresenta uma postura mais crítica, com uma intensidade mais determinada, que melhor aproxima-se da realidade.

Não me maldigas... Num amor sem termo
 Bebi a força de matar-te... a mim ...
 Viva eu cativa a soluçar num ermo...
 Filho, sê livre... Sou feliz assim... (ALVES, 2005, P. 101)

O poeta corajoso, defensor dos princípios de liberdade de justiça social, está bem presente na descrição do mundo da mulher que sofre com os atos de discriminação e dor, como se observa nos versos “Bebi a força de matar-te... a mim...”. A mulher sofredora que aceita com tristeza o seu fim, prefere, diante de seus dias de angústia, romper com a vida sem sentido de viver. Castro Alves vai além, muito além da simples ato declamatório, quando posiciona de forma inusitada, nos versos, “Filho, sê livre... Sou feliz assim...”, a forte imagem da dor a mãe negra que, longe da liberdade, prefere a morte do filho, sendo, na sua visão, melhor assim, menos um, para servir aos senhores nobres.

De acordo com Souza (2006), o poeta Castro Alves mergulha sem pensar nos limites deste mundo de miséria vivenciado pelos escravos e os menos favorecidos, com sua poesia abolicionista. A de se perguntar qual poeta assemelha em terras brasileiras, tem alguém que fez melhor pelas causas sociais. “Neste sentido, a obra de Castro Alves é profundamente marcada pelos sentimentos de comiseração e tragicidade que moldam o estereótipo do negro infeliz, sofredor e incapaz de superar as adversidades do sistema de escravidão”. (SOUZA, 2006. P. 47-48).

Assim Souza descreve o negro proclamado por Castro Alves em um tempo em que muitos poetas desenvolviam em alto e bom tom seus poemas:

Na minha infância, não me contaram que meus tataravós tinham vindo da África em navios negreiros. Na minha casa, na escola não me falavam claramente da minha descendência de escravos africanos. A nossa história era silenciada nos espaços sociais. Comentava-se o sofrimento dos negros, mas escondiam a nossa origem. A escravidão era tratada como se tivesse acontecido num país distante e há milhares de anos. (SOUZA, 2006, p. 199).

Através do texto citado é possível compreender melhor como os negros eram tratados no período de colonização do nosso país e muito tempo depois do longo período de escravidão, no Brasil. Essa realidade era o que mais entristecia o poe-

ta Castro Alves, que não suportou apenas ficar olhando para a situação e escrevendo verso sobre índios, amores e uma bela pátria.

Comparando as obras Tobias Barreto e Castro Alves, dois grandes nomes da poesia condoreira é possível constatar o comprometimento de ambos com a poesia grandiloquente, mas o que mais diferencia estes é a aproximação da realidade. Quando aproximamos o verso do poema “A Escravidão”, de Tobias Barreto, que retrata muito bem esse lado obscuro da escravidão, é possível ver como os dois autores divergem.

Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião. (BARRETO, 1868, p.122)

A indignação que se aproxima do estado de eloquência é visível agora no poema “Vozes d’África”, de Castro Alves:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estas, Senhor Deus?... (ALVES, 2005, P. 141)

Duas obras distintas de poetas corajosos que, através de seus versos moldaram a nossa literatura, uma riqueza que traz a história da pátria brasileira, uma história que não teve como ser apagada, e a literatura, com uma linguagem diferenciada, deixa-nos este legado de informações a serem contempladas.

E ao contemplar estes versos pode-se observar como bem descrevem os poetas, todo clamor de uma imensidão de pessoas. Enquanto os senhores em uma minoria gozavam de seus privilégios, uma maioria buscava pela liberdade não assistida.

Veríssimo, por sua vez, tem olhado de forma superficial apenas as características dos poetas e não a essência da poesia quando faz comparações como a seguinte: “não caberia senão aos dois poetas nomeados ou a alguns seu secundário imitador, indigno de menção particular. Demais não foram nem Tobias, nem Castro

Alves os inventores desse falso gênero de poesia enfático e declamatória” (1963, p. 240). Neste caso, para Veríssimo, o condoreirismo não era uma novidade, mas sim o “exagero” que vinha da indignação dos poetas ao observar os assuntos recorrentes de sua época.

Conforme explica Veríssimo (1964, p. 242), Tobias Barreto de Menezes, o sergipano formado em Direito, foi de pouca expressão em seus trabalhos, homem de grande talento, mas era impulsivo e “malcriado”. Seu campo de atuação se voltava para a “filosofia, crítica, sociologia e poesia”, justificando assim um poeta pouco comprometido com as causas sociais brasileiras. Se comparado ao poeta Castro Alves, suas poesias desenvolvidas estavam distantes de atingir a realidade.

A atividade poética de Tobias Barreto exerceu-se aliás principalmente nos primeiros anos de sua vida literária (1862-1867), quando ainda estudante, o que lhe explica e desculpa as deficiências e senões. Que apesar de seu incontestável astro não era propriamente uma vocação de poeta, prova o haver quase abandonado a poesia pela filosofia, o direito e outros estudos. (VERISSÍMO, 1963, p. 243-4)

Estas afirmações comprometem muito a postura poética de Tobias Barreto, um escritor que, mesmo diante das dificuldades que enfrentou, soube contribuir para uma poesia com características brasileiras com poucas influências européias. O poeta que recebeu ainda o título de malcriado, certamente por defender causas sociais em seu tempo, característica que não era bem vista neste período.

Mas Veríssimo (1963, p. 245) afirma superioridade da poesia de Castro Alves comparando às obras de Tobias Barreto. O poeta “imitou o fogo sagrado”, uma chama ardente com uma expressão que a nossa observação superficial jamais detectaria, tamanha criatividade e eloquência, “um grande talento verbal” que comovia com seu espírito jovem e comunicativo. Por onde o poeta passava espalhava seu lirismo, sua alegria ou indignação, este era o mérito de um dos melhores críticos na terceira geração romântica.

Veríssimo (1963) exemplifica algumas das características de Castro Alves enquanto poeta:

(...) com um verbo mais vivo, mais brilhante, mais sonoro, uma vida nova, formas mais variadas, cores mais rutilantes, sentimentos menos comuns, maior fundo de idéias, maior riqueza de sensações. [...] Há, por exemplo,

em Vozes d'África, e ainda no Navio negreiro, mais que a ênfase ou a retórica da escola, eloquência dos melhores quilates, profundo sentimento poético, emoção sincera e, sobretudo no primeiro, uma formosa idealização artística da situação do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribui. (VERÍSSIMO, 1963, p. 245.6)

A análise feita até aqui torna evidente que Castro Alves, pelo seu pouco tempo de vida e mesmo não concluindo os estudos, soube muito bem produzir seu estilo poético, ultrapassando as obras de seu companheiro Tobias Barreto, formado em Direito atuante na Filosofia e Sociologia, além de ter uma maior atuação com vida em terras brasileiras.

3.2 APROXIMAÇÃO ENTRE AS OBRAS DE JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE E ANTONIO DE CASTRO ALVES

Um encontro dos poetas que deixaram seus nomes na história de nossa literatura brasileira traz neste momento como objetivo desenvolver uma análise do contexto literário e, um tanto historiográfico, aproximando as obras dos poetas para compreender os pontos críticos, positivos ou não, desenvolvidos em defesa de uma sociedade em construção que apresenta uma das imagens mais violentas já vistas em território brasileiro: a escravidão. Sabemos que os poetas brasileiros Sousândrade e Castro Alves deixaram um legado de informações que foram importantes para a consolidação de uma literatura própria em nosso país. Isso não é desprezível em nenhum momento. Mas agora a busca é para certificar, olhando de perto quais foram as maiores ações em defesa das causas sociais, verificando as aproximações e distanciamentos existentes entre as obras Castro Alves e Sousândrade.

De acordo com as afirmações de Danglei de Castro Pereira (2003, p. 369), o poeta Sousândrade faz parte deste repertório do romantismo, não ficando fora das idealizações desta escola literária, uma vez que o poeta tinha em comum um olhar muito amplo e, sobretudo, fortes influências européias.

De acordo com Pereira (apud Williams, 1976, p. 75), "Sousândrade foi um poeta romântico, modelado e desenvolvido pelo romantismo nacional e internacional", deixando marcas de sua época, e que constantemente aproxima-se do "cenário

exótico da pátria”, estando o belo e natural presente em suas obras, uma vez que neste período o território nacional era um jardim perfeito com absoluta pureza.

Inicialmente já é possível observar, pelas palavras dos referidos críticos, o diferencial que vai moldando o poeta Sousândrade, um tanto diferente das descrições feitas sobre Castro Alves.

De acordo com Bosi (2003, p. 117), surge no Brasil, sobretudo nos anos cinquenta do século XIX, um grupo de poetas com idéias inovadoras na literatura brasileira, desenvolvendo-se com um novo espírito e formas diferentes ainda não vistas anteriormente. Dentre estes poetas inovadores se encontravam Castro Alves e Sousândrade, ainda com fortes influências do americanismo e das veladas idéias do indianismo de Gonçalves Dias, a idealização da pátria mãe, mas tais influências não impedem que o novo estilo poético se desenvolva.

As idéias inovadoras citadas por Bosi (2003, p. 177) certamente se encontram nos poemas de Sousândrade e Castro Alves. Tendo em vista esse aspecto, aqui serão confrontados fragmentos de “O Guesa”, de Sousândrade, e o “Navio Negreiro”, de Castro Alves, duas grandes obras repletas de significados que moldam a nossa poesia brasileira, não apenas para medir aparências, entusiasmo ou relevância literária, mas certificar as aproximações entre ambos os poetas na postura crítica social em defesa da igualdade social na pátria.

Conforme afirma Pereira (2003, p. 397), Sousândrade, com seus propósitos inovadores, desenvolve uma poesia diferenciada e busca aproximar-se do Cesário exótico comparando-se ao Jardim do Éden, a extrema pureza e a imagem exuberante da pátria Brasil, fazendo um paralelo com o “livro de gêneses” na adoração da realidade:

O Eden alli vai n'aquella errante
 Lhinha verde – portos venturosos
 Cantando á tona d'água, os tão mimosos
 Simples corações, o amado, o amante.
 Incantados lá vão, às grandes zonas
 D' um outro mundo, a amar, a ouvir cantando:
 Oh, ninguém sabe o incanto do Amazonas
 Ao sol, ao luar, as águas deslumbrando!
 Esta é a região das bellas aves,
 Da borboleta azul, dos rezulentes
 Tavões de oiro, e das cantilenas suaves
 Das tardes de verão mornas e olentes;
 A região formosa dos amores
 Da arañaranea flor, por quem doudeia,
 Fulge ao sol o rubi dos beija-flores,

E ao luar perfumado a ema vagueia. (O Guesa. Canto I-
I,p.21)

Conforme se observa, temos nestes fragmentos uma visão bem aproximada da realidade, com expressão de imagens ou elementos de ambiente natural. Fica notável a preocupação de Sousândrade em revelar o ambiente natural propício para desenvolver a poesia lírica, com a exposição dos elementos naturais “Incantados lá vão, às grandes zonas”, “o incanto do Amazonas”, “bellas aves”, “borboleta azul”, “araçarana em flor”. Toda paz presente o eu poético contempla, as belezas de sua pátria longe do grotesco, o lado bom está sendo venerado pelo poeta. Até o momento, o crítico faz uma representação do lado majestoso que pode ser contemplado em terras brasileiras, a supervalorização da pátria com um olhar vislumbrado.

Quando aproximamos o olhar sobre os primeiros versos do “Navio Negreiro”, de Castro Alves, encontramos um cenário muito parecido, uma preocupação bastante próxima que revela o lado mais belo da pátria;

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas... (ALVES, 2005, P. 133)

Estes versos escritos pelo poeta são a perfeita demonstração de um ambiente natural. Seria uma forma de fugir dos moldes clássicos e apresentar, sem mesmo notar, suas novas criações. Nada vai muito além da perfeição “Brinca o luar”, “douradas borboletas”, “constelações de líquido tesouro...”, “dois infinitos”, o poeta descortina todo cenário, fazendo a descrição do horizonte, misturando a eloquência com a mais perfeita poesia. As quatro estrofes convertem-se em uma só finalidade: enfatizar a atmosfera. Muito próximo, o poeta faz a projeção dos possíveis acontecimentos que vem e vão por este imenso e belo infinito.

Se fossemos analisar em um contexto extremamente circular ou fechado os fragmentos até aqui apresentados, seria está uma análise aproximada das informações presentes nos fragmentos. Porém, com um olhar um pouco além da superficialidade, pode-se constatar que a descrição da beleza natural esconde uma imensidão de pretensões. Enquanto pretensões, os poetas divergem nas linhas de pensamentos, como já foi dito antes. “Sousândrade foi um poeta romântico, modelado e desenvolvido pelo romantismo nacional e internacional”, enquanto Castro Alves apresenta-se como mais natural conhecedor das origens da pátria e atuante desde sua juventude.

De acordo com Pereira, o poeta Sousândrade é um crítico mais livre na expressão poética, que “soube manipular a tradição para atingir uma toada distinta da de seus contemporâneos e, com isso, vislumbrar uma individualidade mais próxima do elemento nativo” (PEREIRA, 2003, p.399). Estas são marcas que vão diferenciando os poetas condores com suas inovações.

Ainda na visão de Pereira (2003), o poeta Sousândrade aponta o colonizador como o grande culpado pelas degradações na cultura brasileira:

(MUXURANA histórica)
 - Os primeiros fizeram
 As escravas de nós;
 Nossas filhas roubavam,
 Logravam
 E vendiam após. (O Guesa, Canto II, p.25)

Na denúncia das ações dos europeus que denegriam as imagens do Brasil em sua colonização, “sendo caracterizados como ladrões e aproveitadores”, o poeta, em parte, assume ter esta visão de escravidão como algo desfavorável para o crescimento nacional.

De acordo com Oliveira, Castro Alves soube de forma mais direta expressar estes sentimentos de fúria e indignação, chegando a ser nomeado como poeta rebelde. Em suas palavras, “a maioria dos poemas de Castro Alves foi escrita na década de 1860, mas, sem dúvida, interpretados como rebeldes, considerando o contexto em que se inseriram” (OLIVEIRA, 2007, p. 12).

Rebelde justamente por ser mais direto, com as ações contra a escravidão. “Um dos motivos por que Alves foi considerado rebelde pela classe senhorial deve-

se ao caráter libertador ou condoreiro de sua prática artística”, este fazer denúncia de forma direta:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar... (ALVES, 2005, P. 135)

O que diferencia os estilos poéticos de Sousândrade e Castro Alves vai muito além das aparências. São diferentes fontes a serem explorada, uma delas seria esta análise das obras, com um olhar mais aproximado da realidade, outras seriam as relações dos poetas com as causas das culturas literárias brasileira, observando ainda as influências de poetas que antecederam, e tantas outras questões poderiam ser analisadas. O importante é observar que a literatura nos proporciona a cada dia novos caminhos que podem ser descobertos a partir de cada análise desenvolvida, a cada olhar compreendido, a obra ganha vida com as expressões dos nossos sentimentos.

CONCLUSÃO

O Romantismo esteve presente na representação da pátria em cenário nacional trazendo o desenvolvimento e a independência literária. Com a poesia indianista e o índio como representação da cor local, seguido pelo subjetivismo e a idealização da segunda geração, características importantes, mas que não contemplava fielmente a literatura romântica. O Romantismo ganha um novo campo literário com o surgimento de poetas envolvidos com a crítica social, pouco discutida até aquele momento. Nesse período, surge na literatura o poeta Castro Alves, com uma poesia reconhecida como condoreira justamente por apresentar um novo estilo poético, capaz de quebrar o silêncio comparando aos estilos anteriores.

Juntamente com ele apresentam características aproximadas os poetas Tobias Barreto e Sousândrade. Poetas que contrapõem ao projeto literário implantado e, nesta contraposição, revelam a dor e o sofrimento de trabalhadores escravos, todos estavam empenhados com um novo projeto. Mas quem melhor se compromete com este novo estilo literário é Castro Alves, que introduziu na literatura uma imagem que era repudiada pelos senhores, e até mesmo pelos poetas naquele período, justamente pela falta de empenho para melhor representar as diferentes formas de culturas locais ou regionais. O negro que era visto apenas como instrumento de trabalho, ganha um novo ideal a partir das idealizações de Castro Alves, fazendo parte de um projeto cultural e literário do País. O poeta foi um dos mais audaciosos, olhando de frente a realidade, por isso taxado de poeta dos escravos, justamente porque expressava em seus poemas aquele que veio do outro lado do oceano e não fazia parte da formação cultural e literária do país. Esta foi uma das mais fortes características do envolvimento de Castro Alves com suas obras, olhar o lado daqueles menos privilegiados buscando incluir estes nas culturas do país.

Comparando Castro Alves aos outros poetas da terceira geração da poesia do Romantismo é possível constatar que existiu um receio muito grande para contradizer ao projeto literário já implantado no Brasil. Ficando evidente, uma vez que Tobias Barreto e Sousândrade em nenhum momento foram questionados por representar escravos em suas obras, justamente porque os envoltos destes poetas, de certa forma, apresentavam um olhar muito amplo, não pela qualidade, mas na aproximação de uma realidade que maltratava muitas pessoas, naquele momento. E

desenvolviam suas obras para futuras análises ou contemplações sobre o contexto social, mas de forma bem mais ajustada Castro Alves, com seu pouco tempo de atuação, estava presente, na vida cotidiana das pessoas e, para realizar suas conquistas, não precisou descer de nenhum pedestal para compreender a realidade dos escravos em terras brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES. Castro. **Prefácio de Manoel Bandeira. Poesias Completas.** - Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

AMORA. Antonio Soares. **História da Literatura Brasileira.** 8ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 41ª. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultix, 2003.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, 1977.

COSTA, Cléria Botelho da. **Justiça e Abolicionismo na Poesia de Castro Alves.** Projeto História, São Paulo, n33, p. 179-194, dez. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2290/1384> Acesso em: 19 de set. de 2010.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** volume 3 a era Romântica. São Paulo: Global, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

In: BARRETO, Tobias. Dias e noites. Org. Luiz Antonio Barreto. Introd. e notas Jackson da Silva Lima. 7.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1989. p.197-198. (Obras completas) Disponível em: <http://www.astormentas.com/din/poema.asp?key=11935&titulo=Ainda+%E0+Adelaide+do+Amaral> Acesso em: 25 de out, de 2010

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Introdução a problemática da literatura.** 4ª ed. São Paulo: Revista aumentada. XII 1971.

NASCIMENTO, Marcio Luiz do. **Primeira Geração Romântica versos Escola do Recife:** Trajetórias de intelectuais da Corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife. 2010. 256 f. (Tese Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-07052010-124022/pt-br.php> Acesso em: 04 out, de 2010.

OLIVEIRA Luiz Henrique Silva de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luis Silva] Cati: de objeto a sujeito.** 2007. 187 f. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/29450108.html> Acesso em: 18 de out, de 2010.

PEREIRA, Danglei de Castro. **Sousândrade: Tradição e Modernidade.** Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, São Paulo, v. 4, n. 2 p. 384-413, jan/jun. 2004. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/271/285> Acesso em: 10 de out, de 2010.

PEREIRA, Leonardo de Atayde. **O sentido da história para Alexandre Herculano: uma interpretação romântica (1830-1853).** 2006. 172 f. (Dissertação de Mestrado em História social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10022010-154126/>>. Acesso em: 04 de out, de 2010.

SOUZA Elio Ferreira de. **Poesia Negra das Américas,** Solano Trindade e Langston Hughes. 2006. 371 f. Tese (Doutorado em Letras, área de concentração Teoria da Literatura) Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. Disponível em: <http://www.ufpe.br/pgletras/2006/teses/tese-elio-ferreira.pdf> Acesso em: 05 de out de 2010.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 1963.